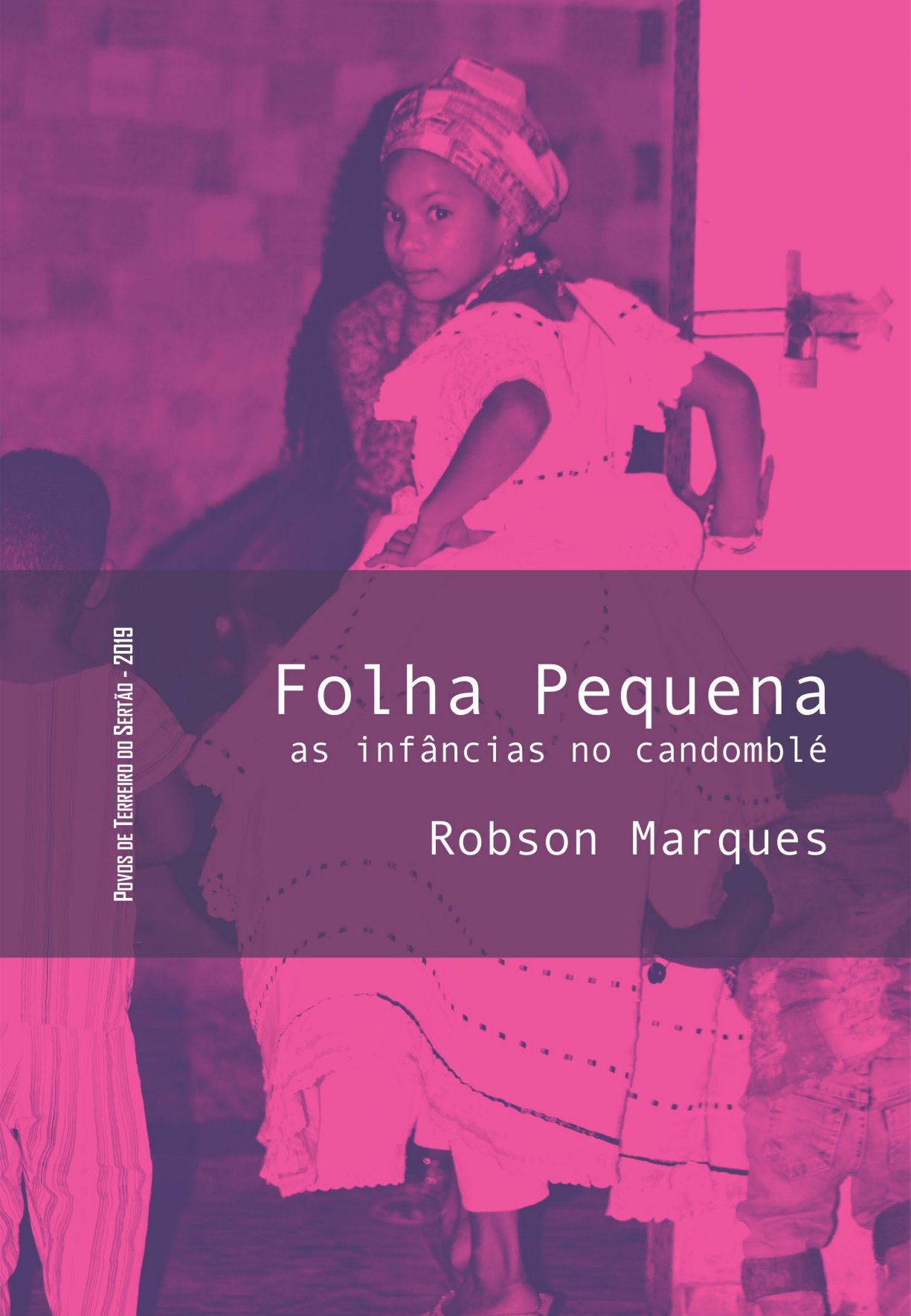


POVOS DE TERREIRO DO SERTÃO - 2019

# Folha Pequena

as infâncias no candomblé

Robson Marques



Quando é que nos sentimos apagados? - Quando, no âmago de nossas almas, não há mais criança. Mata-se, real e simbolicamente, quando negamos o direito da criança existir. Para termos vida, é preciso que dentro de nós, nos nossos espíritos, habite sempre uma criança.

Fato é que, como dito, A CRIANÇA TEM DIREITO AO TERREIRO E O TERREIRO TEM DIREITO À CRIANÇA. Mas a racionalidade supremacista que ainda impera na sociedade, tem buscado negar essas duas formas de pertencimento: a criança ao terreiro e o terreiro à criança.

**Juracy Marques**

# FOLHA PEQUENA

As Infâncias no Candomblé

---

**Robson Marques**

1ª Edição | 2019



Paulo Afonso/BA

**DIAGRAMAÇÃO E CAPA** Ana Paula Arruda

**FOTO DA CAPA** Robson Marques

**REVISÃO TEXTUAL** Alzeni de Freitas Tomáz, Maria Rosa Almeida Alves e Robson Marques

#### CONSELHO EDITORIAL

Dr. Juracy Marques (PPGEcoH/UNEB); Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PP-GAS); Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional); Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB); Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PP-GEcoH/UNEB); Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira (UEFS/PPGEcoH); Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH); Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB); Dra. Flavia de Barros Prado Moura (UFAL); Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC); Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB); Dr. Ronaldo Gomes Alvim (Centro Universitário Tiradentes-AL); Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECOH); Dra. Adriana Cunha – (UNEB/PPGECOH); Dra. Alpina Begossi (UNICAMP); Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF); Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoH/UNEB); Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF); Dr. Gustavo Hees de Negreiros (UNIVASF/SABEH); Dr. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB); Dr\* Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE); Dr. Ajibula Isau Badiru – NIGÉRIA (UNIT); Dr. Martín Boada Jucá – ESPANHA (UAB); Dra. Iva Miranda Pires – PORTUGAL (FCSH); Dr. Paulo Magalhães – PORTUGAL (QUERCUS); Dr. Amado Insfrán Ortiz – PARAGUAI (UNA); Dra. María José Aparicio Meza – PARAGUAI (UNA); Dr. Luca Valera - CHILE (PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE CHILE).

---

Ficha catalográfica elaborada por Maria de Fatima Santos de Lima | Bibliotecária-Documentalista | CRB - 5º/1801

---

M357f      Marques, Robson.  
Folha pequena: as infâncias no candomblé [recurso eletrônico]. /Robson Marques. – Paulo Afonso, BA: SABEH: 2019.

130 p. : il. color.

Disponível em: [http://sabeh.org.br/?page\\_id=172](http://sabeh.org.br/?page_id=172)  
ISBN: 978-85-5600-040-8

1. Ecologia humana. 2. Criança e adolescente. 3. Pais de crianças de Terreiro. 4. Li-danças religiosas. 5. Iniciação religiosa. 6. Candomblé do sertão I. Robson Marques. II. Título.

CDU: 299.6(813.8)

---



Editora da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana

[www.sabeh.org.br](http://www.sabeh.org.br)

Rua Campos Sales, 180 - Cleriston Andrade | Paulo Afonso/BA | CEP: 48.603-440

Fone: (75) 99217.6860 | E-mail: [editora.sabeh@gmail.com](mailto:editora.sabeh@gmail.com)

Este livro é produto da Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - UNEB sob orientação do Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim. Compõe o acervo sobre Povos de Terreiro do Projeto da Nova Cartografia Social da Bacia do Rio São Francisco: coordenado por Ms. Alzeni de Freitas Tomáz e o Dr. Juracy Marques. E consta do repertório de atividades do Projeto Quilombos coordenado por: Dr. Juracy Marques (Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana - GPEHA -UNEB), Franklin Plessmann de Carvalho (NEA Nova Cartografia Social / UFRB) e Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (LACC/UPE), supervisionado pelo Prof. Juracy Marques, em parceria com a Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH e Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH/UNEB).

# Agradecimentos

Aqui manifesto a minha gratidão a todos que, com carinho, amor e atenção abraçaram e conduziram comigo este projeto. Inicialmente as Forças e Energias dos Encantados, Caboclos, Nkisi, Orixás e Espíritos que se movimentam no espaço e movem o Universo.

Aos Povos de Terreiros pelo acolhimento na realização das Cartografias dos Terreiros de Candomblé e Umbanda no Sertão do Brasil, mais particularmente ao Babalorixá Adeilson (Pai Dedé), às Yalorixás Idjemim (Mãe Edneusa) e Maria da Paixão (Mãe Maria de Tempo); também à Mãe kota Nadiane, ao Ogã Antônio, à Yaô Euziane e à Yalaxé Gessiane e; às crianças Kerlen, Naian e Davi e à adolescente Letícia, minha terna gratidão, pela disposição em participarem desta pesquisa.

Aos colegas e amigos Talles Cerqueira e Aline Sampaio também pelo empréstimo dos gravadores de voz. A André, Paulo Wataru e Alzeni Tomaz pelo apoio logístico, cuidados e acolhimento em Paulo Afonso. Às amigas e conselheiras Rosa e Daniela que tanto corroboraram e me ajudaram. Ao

amigo Duda (Luiz Eduardo) pela irmandade e empréstimo das armaduras de couro e de sabedoria quando da necessidade de transpor os garranchos e urticante vegetação das veredas da vaidade acadêmica. Ao artista e amigo Antônio Jairo (Tom) pela amizade e colaboração cartográfica de localização dos terreiros. Aos colegas do IF Baiano Campus Senhor do Bonfim, em particular aos da Coordenação de Assuntos Estudantis pela cooperação e à bibliotecária-documentalista Maria de Fátima pela ajuda.

Aos docentes, colegas e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGEcoH/UNEB, em especial ao Prof. Carlos, a Secretária Stéfane e a estagiária Laiane pela atenção, paciência e comprometimento profissional.

Aos Professores Luciano Bomfim e Marcelo Ribeiro, respectivamente orientador e coorientador da minha dissertação, pela parceria.

Aos meus familiares, em especial a Kerly pelo empréstimo da máquina fotográfica. A Juracy, a Jozete e a Maria pelos abraços e beijos amorosos e de proteção nos dias mais frios ou mais fervorosos da minha existência.

A Mabson, meu amado filho, pela criança em mim que habita nele e a criança dele que mora em mim.

Ao vizinho e conselheiro Rubão, da Serra dos Morgados, pela companhia também na interação com os bichos, com as plantas e as terras da Serra.

E à Lilian, também pela companhia, parceria, cuidados.

## QUEM SOU EU

Quem dá asas aos sonhos!?  
Quem já sonhou amando!?  
Quem conversa “sozinho”!?  
E quem já sentiu espíritos no ar!?

Quem fez, sente e faz sem o interrogar

Acordou  
Conversou “só”  
E abriu a janela para um beija-flor entrar

Contemplou seus movimentos como de um ritual  
Voos abençoando o ambiente  
Plantando sementes  
Colhendo o bem e soprando o mal

Foi numa casa da serra  
Colina onde a nuvem se encerra  
Em tempos que os pés fugiam a terra  
Fervilhava a emoção  
Quem se aperreava  
Imerso em sua dissertação

Para a escrita dos mestrados  
A casa do irmão foi o templo sagrado  
Natureza em juremais vivências  
Daime em experiências de cura  
Perante o altar do Jura  
Gratidão aos Seres das Serras dos Morgados

Serra do Morgados em 16-02-2018

*Às Comunidades Tradicionais do Nordeste,  
aos Povos de Terreiro do Sertão, às Crianças  
e aos Adolescentes de Candomblé de todo o Brasil.*



# Sumário

PREFÁCIO | 11

APRESENTAÇÃO | 14

1 GARATUJAS DAS CRIANÇAS - UM MODO DE  
CAMINHAR | 16

2 CAMINHOS QUE LEVAM AOS TERREIROS  
| 24

3 TERREIRO BANDALECONGO DE MÃE MARIA  
DE TEMPO | 28

4 TERREIRO ILÉ DARÁ AXÉ OMO LOGUM EDÉ  
DE PAI ADEILSON | 40

5 ABASSÁ DA DEUSA OXUM DE IDJEMIM  
| 50

6 INFÂNCIAS NO CANDOMBLÉ E AS FACES DO  
POVO DE TERREIRO NO SERTÃO | 60

7 FILHOS NOS TERREIROS COM AS BÊNÇÃOS  
DOS PAIS | 80

8 FOLHAS PEQUENAS: Crianças nos Ter-  
reiros de Candomblé do Sertão do  
Brasil | 94

9 AS SENSações DOS ACESSOS E INCORPO-  
RAÇÕES POR UMA ADOLESCENTE | 114

POSFÁCIO | 123

REFERÊNCIAS | 126

## Prefácio

Estranho. Não precisamos nos esforçar para compreendermos e aceitarmos a participação de crianças nas demais religiões, mas, sobre suas presenças no candomblé, como prova o testemunho capturado por Robson Marques nesse livro, dedicamos um tempo precioso para fazer emergir uma estranha justificativa sobre o direito à infância nos terreiros.

Como foi a história da escravidão negra, de apagamento das almas africanas na sua condição de sujeitos humanos, essa perversa forma de destruir a vida dos diferentes, a partir de uma crença supremacista, está na gênese dessa negação do direito das crianças aos terreiros e dos terreiros às crianças.

Quando é que nos sentimos apagados? - Quando, no âmago de nossas almas, não há mais criança. Matamo-nos, real e simbolicamente, quando negamos o direito da nossa criança existir. Para termos vida, é preciso que dentro de nós, nos nossos espíritos, habite sempre uma criança.

Alguém já perguntou o que sentiram as crianças quando viram seus pais reduzidos à condição de animais na África co-

lonial pelas mãos sanguinárias dos colonizadores? Aquelas que nasceram nos porões fétidos dos navios negreiros? As abusadas pelos senhores? O que vimos falar sobre a infância negra?

A tinta preta apagou-se sobre o papel branco da história. Candomblé é coisa de negro. Veio com os negros. Mas, quisera a história que a humanidade racista não conseguisse, sequer, arranhar a força da ancestralidade africana, hoje viva, presente nos terreiros.

Escreve Robson que também os filhos, as crianças, são trazidos a estas casas sagradas, geralmente por pais ou familiares. Mas há também, aquelas trazidas pela ancestralidade, diria mesmo, escolhida por elas. Nesse particular, apesar de crianças na vida, são adultos no santo.

Fato é que, como dito, A CRIANÇA TEM DIREITO AO TERREIRO E O TERREIRO TEM DIREITO À CRIANÇA. Mas a racionalidade supremacista que ainda impera na sociedade, tem buscado negar essas duas formas de pertencimento: a criança ao terreiro e o terreiro à criança.

Como brilhantemente capturou Robson nas narrativas de Babalorixás, Yalorixás, pais e das próprias crianças, diferentes formas de atuação, inclusive mediadas pelos aparelhos do Estado, tem feito um esforço para nos fazer crer que os terreiros não são espaços adequados às crianças. É no terreiro que as crianças brincam, eles não sabem?!

Deveria ser desnecessário esta exegese, mas, enquanto estivermos sobre o comando dos enraizamentos supremacistas, racistas, e de uma mentalidade colonialista-essencialista-judaico-cristã, testemunhos como os que aqui foram capturados por Robson, precisam emergir dos oceanos profundos dos nossos silenciamentos.

Conhecendo Robson desde criança, vivendo com ele como irmão-filho, a quem amo de amor-grande-imenso-in-finito-eterno, minha criança celebra na sua criança todas as crianças do mundo. Aqui, ele fez uma opção iluminada de proteger o direito das crianças dos terreiros de candomblé do nosso Sertão Infantil!

Juracy Marques

## Apresentação

Talvez a trajetória da intuição, que leva a caminhos do imaginário transcendente ao físico e racional, possa nos ajudar numa regressão; porém as curvas, ladeiras e desvios percorridos pelas almas e pelos espíritos da existência, poderão encontrar guarida e repousar na empatia, respeito e cuidado também de humanos para não humanos.

As descrições e impressões presentes neste livro são registros de um provador de saberes, ou ainda poetizando, de um degustador de sentidos, que se lançou à escrita de uma jornada para tornar-se Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental costurando essa formação aos retalhos já tecidos enquanto Professor, Servidor Público e Artista Plástico, entre os anos de 2016 e 2018.

Os caminhos experimentados ofertaram os sabores da dor e do prazer, mostraram as cores da magia e do invisível, exalaram o cheiro da fé e da descrença, tatearam as tessituras do bem e da maldade acadêmica, mas também abençoaram as vozes de crianças, lideranças religiosas, pais e mães de crianças de terreiros de cidades do Sertão Nordeste.

Os escritos desta publicação tiveram como cenários e enredos os acontecimentos da pesquisa etnográfica a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com povos de terreiro nas cidades de Paulo Afonso e Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, para a análise dos conteúdos dos discursos dos entrevistados. Parte deste trabalho resultou na conclusão da dissertação intitulada *Crianças nos Terreiros de Candomblé do Sertão*, no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGECO, da Universidade do Estado da Bahia.

Nas entrelinhas das falas e das anotações nos diários de campo foram encontrados argumentos capazes de defender razões para proteção do direito de crianças participarem dos rituais de candomblé e umbanda. Nesse momento da pesquisa fiquei na condição de garimpeiro de histórias. Nelas observamos o gosto em ouvir quem precisa falar e ser ouvido, onde também estão materializados os discursos e não-discursos, ou seja, um sentido que, às vezes vai além do dito.

**Folha Pequena: As Infâncias no Candomblé** é, portanto, o resultado das vivências de um estudante/pesquisador ao passar a limpo os rascunhos e anotações dos diários de campo para o *vernissage* de imagens, esculturas e poesias nas galerias e festivais das memórias e caminhos percorridos nos terrenos do Povo de Santo, dos Povos de Terreiro, nas almas das crianças do axé.

Robson Marques

Serra dos Morgados, março de 2018

# 1

## GARATUJAS DAS CRIANÇAS – UM MODO DE CAMINHAR



Figura 1 – Garatuja das crianças. (ALVES, 2017)



Entre as margens do antes e o outro continente onde reside a conclusão do curso de mestrado, muitas histórias cabem ao interesse de um curioso leitor. Não pude, por exemplo, descrever todos os acontecimentos experienciados na pesquisa; entretanto, aventurei-me em fotografar e descrever biografias alicerçadas na simplicidade e magia dos ritos da religiosidade dos terreiros, sob o teto da produção acadêmica, para registrar os sentidos dos processos constitutivos da memória infantil e da alegria da criança no Candomblé do Semiárido.

Na tentativa de uma introdução que possa situar o leitor ao que antecede o período de mestrado, pode ser de bom grado uma contextualização, em memorial, descrevendo a história por que passei num relato de experiências aqui sob o título de “O Ante Mestre”. A retrospectiva será a partir dos dezesseis anos de idade, fase em que integrei, como “voluntário”, a equipe da Ai.Bi<sup>1</sup> (Amici dei Bambini – Associação Amiga das Crianças) em Jaguarari e Senhor do

---

1 Associação sem fins econômicos e lucrativos que tem como foco a prevenção do abandono infantil e inclusão social de crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade social. Trata-se de um projeto de apadrinhamento em que italianos subsidiam crianças e famílias por todo o mundo, inclusive em Jaguarari e Senhor do Bonfim, na Bahia.

Bonfim, cidades acolhedoras, com um clima agradável da Caatinga com regiões de serras, cachoeiras, nascentes, rios, riachos, sabiás, jaqueiras e cafezais, mas também com um árido sertão dos doces umbuzeiros, esperteza dos cabritos e a agilidade dos carcarás no norte baiano.

Antes de ingressar para interagir com as crianças e suas famílias que faziam parte da Ai.Bi., realizei o curso de Educador Social pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP. No período entre 1998 e 2001 ministrei oficinas de artesanato para crianças e adolescentes, alfabetizei crianças e desenvolvi atividades de recreação. Idealizamos e construímos sonhos em papeis com lápis e tintas, peneiramos e sacudimos a vulnerabilidade social correndo e saltando, chutamos e arremesamos a fome, a falta de saneamento básico e a violência doméstica, atravessamos a nados os oceanos das desigualdades e amarramos com macramês<sup>2</sup> a esperança do amor e da perspectiva de um futuro mais digno. E eu pude me ver em cada criança que me abraçava e me chamava de Professor.

Entre os anos de 2003 e 2004 trabalhei como Auxiliar de Serviços Gerais e Auxiliar de Operação na Mineração Caraíba S/A, uma mina de exploração e aproveitamento de jazidas minerais (cobre) situada no Vale do Curaçá, no Município de Jaguarari/BA, logo depois do Distrito Pilar.

Como minerador garimpei o sonho da casa própria, de ter um carro e poder estruturar uma família, me deparei com os rejeitos do beneficiamento do mineral que degradam e poluem a Caatinga sufocando ou extinguindo espécies das águas, solo e ar.

---

2 Nó que compõe os entrelaçamentos das rendas pesadas, mas que na Ai.Bi. teciam as sutilezas da criatividade em artesanatos de pulseiras.

As pedreiras que enfrentei nesse tempo barraram a minha audácia e adiaram muitas realizações porque não me adaptei às trocas de turnos ao descer a mina subterrânea não mais que por um mês. Ainda assim retornei a esses espaços anos depois enquanto servidor público municipal acompanhando alunos da rede municipal e privada em atividades que evidenciavam ações de gestão e manejo ambiental e em visitas técnicas socioambientais.

Em 2004 fui convidado para trabalhar na Secretaria Municipal de Ação Social, onde desempenhei função de Coordenador de Projetos Sociais até o ano de 2006. Foram dois anos servindo às pessoas e acompanhando de perto o clamor humano por melhores condições humanas de sobrevivência e dignidade quando da procura por cestas básicas, emprego ou aprendizagem e formação profissional. Em 2007 tomei posse e entrei em exercício como Servidor Público Municipal no cargo de Auxiliar Administrativo lotado na Secretaria Municipal de Educação até 2008.

Entre os anos de 2008 e 2011 fiquei na suplência como Conselheiro Tutelar do município de Jaguarari/BA, atuando por 5 (cinco) meses substituindo os (as) conselheiros (as) titulares em férias. Ajudei a elaborar relatórios que flagraram as más condições dos estabelecimentos de ensino infantil (creches) e que denunciavam descasos e violação dos direitos das crianças e dos adolescentes. Vi de perto o desarranjo de famílias que se sustentavam na violência, nas drogas e na instabilidade humana e que nem o amor podia ser visto, pois a sombra do desmantelo não deixava que a luz os alcançasse.

Entre 2009 e 2012, ainda no serviço público municipal, assumi uma função como Coordenador na Diretoria

de Proteção das Nascentes da Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Nesta, contribuí com a elaboração/aprovação do Código Municipal de Meio Ambiente, a estruturação do Conselho Municipal de Meio Ambiente e com a mobilização das comunidades para a manutenção/recuperação das nascentes. Também ministrei palestras com temáticas ambientais e coordenei campanhas envolvendo alunos e escolas na (re) educação socioambiental do bioma caatinga.

Pude disseminar sementes e plantar folhas e flores. Também nos corações e mentes de ambientalistas a esperança brotou, pois acreditávamos, e ainda acredito, ser possível cuidar das gentes, e suas memórias, cuidando dos recursos hídricos, dos animais e das plantas.

No ano de 2010, ainda na Secretaria de Meio Ambiente, fui convidado pela equipe de pesquisadores que integram o Projeto Nova Cartografia Social do Brasil para me dedicar à Cartografia dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Jaguarari/BA - na época esta equipe tinha acabado de realizar a Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Paulo Afonso/BA (2008-2009).

Aceitei, e a partir de então passei a me ambientar com os povos de terreiro também pela concomitante inclusão no Núcleo de Estudos em Povos e Comunidades Tradicionais e Ações Socioambientais (NECTAS/UNEB). Tão logo foi fundado o Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana (GPEHA), passamos a realizar as atividades da Cartografia dos Terreiros por aqui, onde, hoje, encontro-me agregado, pensando o fenômeno humano nas suas diferentes matizes e contornos.

Enquanto pesquisador, colaborei para a publicação das duas outras Cartografias que se seguiram: Car-

tografia Social dos Terreiros de Petrolina/PE e Juazeiro/BA (2015) e Cartografia Social do Terreiros de Senhor do Bonfim/BA (2018).

As veredas têm se enlarguecido tanto no campo da pesquisa quanto da atuação profissional, visto que entre os anos de 2011 e 2014 cursei Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Vale do São Francisco – passando por estágios de convivências com crianças, adolescentes e jovens. Em 2012 fui aprovado no concurso público para o cargo de Assistente de Alunos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano e lotado no *Campus* Senhor do Bonfim/BA. Neste permaneço até os dias de hoje (2019). Vez ou outra, aqui, depara-me com as crianças e adolescentes que sonham, dentro e fora do Instituto.

Certamente o meu envolvimento e desempenho profissional e acadêmico ligam-se e convergem para uma metamorfose ecológica, humana, social, educativa, ambiental e cultural por entre as encruzilhadas da descrição/evidenciação das manifestações ritualísticas do Candomblé e da Umbanda no Sertão Brasileiro. Nesses caminhos, dentro e fora dos terreiros, a questão infantil a mim sempre foi muito cara.

E é com a sede, e ao mesmo tempo enquanto líquido, que passo a limpo os escritos que pude rascunhar antes de me tornar mestre. Quem sabe inspire outras pessoas a tornarem-se mestres enveredando por caminhos semelhantes. Nesses rabiscos estão minhas garatujas sobre a infância no Sertão, a minha e a de outras crianças.

Portanto, desta margem primeira até o último parágrafo, ao percorrer esta ponte, que sejam acessados os acon-

tecimentos, conhecimentos e aprendizados sob a narrativa particular das minhas vivências e os discursos dos agentes e sujeitos que contam suas histórias a partir de um roteiro de entrevistas para as impressões finais de uma dissertação de mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH), mas que aqui transcendem às limitações acadêmicas e assumem a beleza das diferenças.

Importante destacar aqui, que, o candomblé é uma religião onde a natureza é o sagrado, o divino vivo. É dessa ecologia que trata este livro, das crianças, as Folhas Pequenas nesse mar dos mistérios do universo.

Mas não queria terminar este capítulo sem antes falar do ser que me tocou, em profundidade, para mergulhar na forma como nós olhamos nossas crianças: o nascimento do meu filho Mabson. Quando ele chegou, que se apresentou de carne e osso, senti que em mim já habitava há tempos e a sua alma já carregava a beleza de um espírito chamado Amor.

E é em nome dele, do amor incondicional que sinto por sua existência, que escrevo o que posso para que o mundo ame as crianças, sobretudo àquelas vítimas de formas brutais de intolerâncias e desrespeitos, a exemplo do que passam as crianças que são de religiões de matrizes africanas, como as que integram o Candomblé.



Figura 2 – Pai e Filho, dois seres habitando o mesmo Amor.  
(ARQUIVO DO AUTOR, 2011)

# 2

## CAMINHOS QUE LEVAM AOS TERREIROS



Figura 3 – Caminhos do Coração. (MARQUES, 2018)



É importante registrar que para empreender meus estudos e em razão de eles envolverem pessoas, precisei, além de ser aprovado na seleção para ingresso no curso e cumprir os créditos das disciplinas, seguir os ritos acadêmicos de preenchimento de formulários, coleta de assinaturas em autorizações e termos, submissões em plataformas até a aprovação e autorização pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia – CEP/UNEB.

O esforço para atender as exigências da burocracia imposta à pesquisa/pesquisador fora o caminho mais apertado e cheio de garranchos que tive que atravessar, pois a caminhada quase sempre não levava a nenhum lugar e precisava voltar e recomeçar de novo e preencher e realimentar os campos com informações e dados que já havia fornecido.

Esse círculo durou pelo menos um semestre a passos lentos. Por isso alerta a quem for empreender uma pesquisa do tipo etnográfica envolvendo seres humanos ou animais ou outra que requeira avaliação pelo CEP, trate de seguir o melhor caminho: compreender e providenciar as demandas exigidas o quanto antes.

A imersão neste ponto foi para abrir o colchete que dá passagem à estreita estrada do começo dos trabalhos marcada pelos encontros com as autoridades dos terreiros e

seus filhos de santo (crianças de terreiro e seus pais e mães) para evidenciar a intenção da pesquisa, argumentando sua importância para que autorizassem o desenvolvimento da investigação em seus templos sem precisar pular cercas.

Por conta da familiaridade com os ambientes e com as pessoas de candomblé e umbanda, resíduos também da condição de pesquisador parte do Projeto Nova Cartografia Social do Brasil, pude realizar minha pesquisa nestes espaços.

Nessa etapa inicial contei com o apoio de outros pesquisadores amigos, irmãos e irmãs como Juracy Marques e Alzení Tomáz que, cuidadosamente, me acompanharam aos terreiros e me apresentaram aos Bablorixás e às Yalorixás do Terreiro Ilê Dará Axé Omo Logum Edé de Pai Adeilson (Pai Dedé) em Petrolina/PE; Terreiro Bandalecôngo de Mãe Maria de Tempo, em Juazeiro/BA e; em Paulo Afonso ao Abassá da Deusa Òssùm de Idjemim (Mãe Edneusa).

A pretensão inicial era imergir em um terreiro de cada cidade que até 2016 havia realizado a Cartografia Social de Candomblé e Umbanda (Paulo Afonso em 2009, Jaguarari em 2010 e Petrolina e Juazeiro 2015), porém o terreiro da cidade de Jaguarari cuja autoridade/liderança religiosa, preliminarmente havia aceitado ser parte do estudo, quando das assinaturas dos termos e autorizações, desistiu sob o argumento que havia consultado os advogados da Federação a qual está vinculada e fora orientada a não participar alegando que por envolver menores poderia trazer-lhes problemas futuros com o Conselho Tutelar e com a Justiça.

Fiquei triste, inicialmente, por se tratar da minha cidade e não ter argumento persuasivo para convencê-la, mas compreendi e respeitei a decisão e, sem tempo para incluir um novo terreiro, segui com os demais.



Figura 4 - Juracy e Alzení, irmãos e parceiros de estrada.  
(R. MARQUES, 2018)

# 3

## TERREIRO BANDALECONGO DE MÃE MARIA DE TEMPO<sup>3</sup>



Figura 5 - Terreiro Bandalecongo. (MARQUES, 2015)

Em treze de janeiro de 2017, Juracy levou-me ao Terreiro Bandalecongo, apresentou-me a Mãe Maria de Tempo, conversamos sobre o meu projeto e expomos nossas intenções. Ainda naquele dia Mãe Maria consentiu que realizasse a pesquisa naquele espaço. As notícias do povo deste terreiro sempre chegavam a mim pela amiga e também pesquisadora naquele Barracão, Maria Rosa, Orientanda de Juracy, que me convidou para uma festa de Sultão das Matas com a saída de um Tatakombono<sup>4</sup> e duas Makotas<sup>5</sup> em uma noite de sábado do mês de julho. E foi no dia primeiro de julho de dois mil e dezessete que presenciei este lindo cerimonial para Sultão. Antes, porém, é preciso dizer que estava comigo uma Rosa, a Maria Rosa, e que a essa altura Juracy já havia nos lançado a missão de escrevermos um livro sobre Tempo, tendo como direcionamento o Terreiro de Mãe Maria de Tempo e que, portanto, chegamos mais cedo à festa para

---

4 Na Nação Ketu, os responsáveis por tocar os instrumentos musicais como atabaques e agogô, recebem o nome de Ogãs. Eles cantam para cada divindade no momento de sua chegada ou convite, e sabem a função e a origem de cada reza ou canto. Já na nação Angola, aos homens com as mesmas atribuições, dá-se o nome de Tatakombono.

5 A palavra Ekedi é de origem yorubá, portanto utilizada na nação Ketu. Makota é de origem banto, utilizada nas casas de nação Angola. Ambas têm o mesmo sentido (ALVES, 2017).

já garimparmos histórias e imagens. Este livro ficou pronto e foi lançado antes que terminasse minha dissertação. Trata-se de um texto sobre uma das mais enigmáticas energias sagradas do Candomblé.

Chegamos bem antes de a festa começar e logo fomos nos enturmando (digo nós, mas na verdade eu, porque Rosa já convivia há um bom tempo com o povo). Fui apresentado a Naian, de dez anos de idade e o convidei para fazer parte da minha pesquisa enquanto sujeito, evidentemente caso seus pais permitissem. Dele ouvi que aprendera a tocar atabaque observando seu irmão Nielisson.



Figura 6 - Rosas. (R. MARQUES, 2017)

Até quando pudemos, conversamos com Mãe Maria de Tempo e os filhos de santos que Rosa ia me apresentando e que por ali passavam. Iniciados os trabalhos, observei um rito inicial em que, no centro, havia um recipiente com farofa, charuto e vela e que depois foi levado para fora do terreiro, acompanhado com cânticos e danças. Posteriormente incensou-se o terreiro com defumadores, bênção e saudações. Em seguida folhas foram espalhadas pelo chão. Na roda há um homem, uma criança e muitas mulheres.

Juntadas as folhas, o rito foi direcionado aos iniciados (Tatakombono e Makotas) que saíram curvados, guiados por Mãe Maria e retornaram para o espaço de onde saíram (honcó). Sultão então incorporou em Mãe Maria e adentrou no quarto. Instantes depois os atabaques soaram fortemente acompanhados por vozes em cantos e pontos para os Encantados, Caboclos e Orixás, anunciando que já era tempo de os iniciados firmarem e/ou renovarem suas missões espirituais. Não esperamos a festa acabar, mas saímos do Terreiro depois da uma hora da manhã.

Durante as semanas que seguiram, empreendemos o agendamento para as entrevistas no Terreiro, porém enquanto o Conselho de Ética em Pesquisa da UNEB analisava o meu projeto, nós estreitávamos as relações planejando e elaborando o livro de A Voz do Tempo, os ventos do Terreiro Bandalecongo. Em sete de julho, uma sexta-feira, às 16:20, fomos recepcionados maravilhosamente por Mãe Maria de Tempo no salão principal do seu terreiro. Ela precisou atender um cliente e nos deixou (eu e Rosa) na companhia das crianças e seus pais.



Figura 7 – Povo do Bandalecongo: Mãe Maria de Tempo.  
(R. MARQUES, 2017)





Figura 8 – Povo do Bandalecongo: Kerlen. (R. MARQUES, 2017)



Figura 9 – Povo do Bandalecongo: Kerlen e Nadiane.  
(R. MARQUES, 2017)



Figura 10 – Povo do Bandalecongo: Naian. (MARQUES, 2016)



Figura 11 – Sultão das Matas. (MARQUES, 2017)

Gentilmente, Mãe Maria nos ofertou suco de manga que saboreamos enquanto interagíamos com as crianças e os adultos. Cantamos e tentei ensinar alguns acordes de violão para a Naian, pura alegria. Ele, uma criança instrumentista que faz as mãos sambarem com toques suaves ou mais arrojados sobre o couro do bode esticado numa estrutura de madeira e que recebe o nome de atabaque, também sedento em tocar violão. De Kerlen, a danação acolhida nos graúdos olhares desconfiados e sempre direcionados aos pais buscando o colo da mãe Nadiane e cantando músicas para os Orixás e Caboclos.

Não foi possível, naquela data, uma maior vivência com Mãe Maria de Tempo por conta dos seus afazeres e nem agendarmos, naquele momento, uma nova data exatamente. Saímos do Terreiro às 19h alimentados e energizados com a leveza e a pureza da infância naquelas crianças e com a humildade do acolhimento e carinho daqueles adultos.

Dias depois, na manhã de um domingo (09-07-2017), entrei em contato com Mãe Maria de Tempo para agendarmos uma data para sua entrevista, carinhosamente, ela topou no final da tarde daquele mesmo domingo. Quando no terreiro cheguei, inicialmente, retomamos o assunto da estruturação do livro e seguimos um roteiro orientado pelo professor Juracy Marques. Ao final, e quando já havia desligado o gravador que segurava nas mãos, Mãe Maria continuou descrevendo sua história, que fora capturado pelo gravador do celular, que registra paralelo ao gravador de voz. Dos casos contados por ela, quase nada tinha sido posto na sua narrativa publicada no livro da Cartografia dos Terreiros de Juazeiro e Petrolina.

Ela detalhou sua saga de quando iniciou, ainda criança, até os dias daquela entrevista. Apresentou a história do-

lorosa desde os seus sete anos de idade, quando tinha desmaios frequentes e inexplicáveis. Narrou como acessou seu Orixá pela primeira vez, adentrando na insustentável condição imposta pela doutrina enquanto adolescente, passando pela desistência depois de iniciada, até a perda de seus cinco primeiros filhos e o rearranjo e reestruturação familiar e religiosa no reencontro com o Orixá Tempo proporcionado por seus irmãos e pai de santo numa obrigação surpresa. Festa essa, que culminou numa promessa de seu esposo ao rogar a Tempo que deixasse que Mãe Maria tivesse o prazer de criar seus filhos e em troca ele faria todo o esforço possível para convencê-la de cumprir sua missão e zelar dos seus Caboclos, Orixás e Encantados acolhendo a quem dela necessitasse. Essa história é cuidadosamente descrita no livro “A Voz do Tempo, Os Ventos do Terreiro Bandelecongô”<sup>6</sup>.

Foi conversando com Gessiane, Yalaxé do Terreiro<sup>7</sup> e filha de Maria da Paixão (Mãe Maria de Tempo), que pude registrar uma descrição física, espacial, familiar e afetiva do Terreiro. Dela ouvi que na mesma rua e em frente ao Bandalecôngo tem uma igreja evangélica. Do lado esquerdo é a casa da Yalorixá Mãe Maria de Tempo, do lado direito, o oitão que dá para a rua perpendicular a do terreiro. Antes de entrar dá-se com um muro alto. Na frente há dois pés de Acocô<sup>8</sup> e

---

6 MARQUES, Juracy; ALVES, Maria Rosa Almeida; MARQUES, Robson (Org.). **Voz do Tempo, Os Ventos do Terreiro Bandalecôngo**. Paulo Afonso: Editora SABEH, 2017. 100 p.

7 Herdeira da dona da casa.

8 *Newbouldia laevis*, Árvore frondosa trazida da África, tem participação especial nos rituais de iniciação, sendo colocada embaixo das esteiras dos iaôs e nos banhos. Depois de seca é colocada nos defumadores.

o assentamento do Exu Tranca Rua<sup>9</sup>, cujo dever é tomar de conta da porta da casa e de proteger o terreiro e a rua.

A Yalaxé conta que no portão de entrada, na parte superior, tem uma pequena cortina de palha de coco usada como proteção. Entrando, entre o muro do portão e a entrada para o salão do terreiro tem uma área com alguns assentamentos. À direita tem uma porta que dá para o espaço onde Mãe Maria realiza as consultas e que também é o quarto de Exu. Mais à direita e lateralmente há o assentamento de Ogum de um dos filhos da casa. À esquerda tem os assentamentos de Tempo, Katendê<sup>10</sup> e Obaluaê, todos da casa. Ainda mais à esquerda e um pouco recuada, há a cabana do Caboclo Sultão das Matas. Mais lateralizado tem os assentamentos de Orixás dos filhos de Santo de Mãe Maria de Tampo como Iansã, Xangô, Obaluaê e Oxumaré.

Já próximo à entrada do salão, à direita, tem o assentamento de Ogum, da casa. Entrando no salão, na parte superior da porta há também uma pequena cortina de palha de coco, semelhante à do portão primeiro. Neste salão ocorrem as festas. Nas paredes têm quadros com pinturas do artista plástico Valderi, (à época) esposo de Gessiane, e que retratam os Orixás. Do lado direito ficam as imagens de: Iansã, Oxumarê, Oxalá, Iemanjá, Omolú e Obá. Entre Omolu e Obá tem uma porta que é o honcó<sup>11</sup>, também cha-

9 Orixá Exu que toma de conta das ruas, quem abre e quem fecha as ruas.

10 Katendê em Angola ou Bantu é o mesmo Orixá que no Ketu é chamado de Ossaim.

11 Onde as pessoas que são iniciadas ou vai dar obrigação ficam recolhidas.

mado de camarinha. E ainda do lado direito, no final tem um banheiro/sanitário e por último uma escada de acesso ao andar de cima onde fica o quarto com mais ibás<sup>12</sup> dos filhos da casa. Do lado esquerdo do salão têm os quadros/pinturas de: Ogum, Oxossi, Xangô, Oxum, Katendê e Nanã. Entre Xangô e Oxum tem o quarto de santo onde ficam todos os Orixás de Mãe Maria de Tempo e de alguns filhos da casa também. No centro do salão tem um assentamento de Xangô e ao fundo, onde ficam os atabaques, tem a imagem do Orixá Tempo, regente do terreiro. À esquerda da área que ficam os atabaques tem o quintal, a cozinha e os quartos de recepção do terreiro.

---

12 Ibá (Igbá) “ é o receptáculo onde o homem venera suas divindades. Ele é o centro de todas as forças das divindades e tem a representação física do vínculo da pessoa física com os seus orixás. Para manter uma perfeita sintonia e ajudar na boa permanência do ser humano no aiê (Terra), o igbá precisa ser alimentado periodicamente. Dentro dele são colocados elementos que conectam o orixá com a sua origem, que podem ser pequenas ferramentas, moedas antigas, seixos, conchas, búzios etc. Mas um item é comum a todos, a pedra (okutá), o coração do igbá ”(KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p. 101).



Figura 12 – Carinho, afeto, ensino e aprendizagem no Bandalecôngo. Naian, Robson, Kerlen, Nadiane e o violão. (ALVES, 2017)



Fonte: Google Earth  
Software utilizado: AutoCad Maps  
Colaboração: Antonio

Rua Padre Cicero, 504, Palmares I  
CEP: 48901740  
Juazeiro/BA

Figura 13 – Mapa de localização do Bandalcongô. (TOM, 2018)

# 4

## TERREIRO ILÊ DARÁ AXÉ OMO LOGUM EDÉ DE PAI ADEÍLSON<sup>13</sup>



Figura 14 - Fogueira de Xangô em frente ao Ilê Dará Axé Omo Logum Edé. (R. MARQUES, 2017)

---

13 Para a descrição do terreiro contei a com ajuda de Anderson Charles, Ebomi da casa. Segundo Pai Adeilson, o Ebomi é o irmão mais velho e que auxilia os mais novos, designado a cuidar dos afazeres e orientar as pessoas para se situarem na casa. Anderson Charles me acompanhou no acesso as dependências e assentamentos, sob a autorização do Babalorixá Adeilson.



Ao chegar na Rua do Cobre, número sete, no Bairro Dom Avelar em Petrolina/PE vê-se uma enorme estrutura com duas entradas: a entrada principal do Barracão, à direita, e a entrada que dá acesso a casa de Pai Adeílson, à esquerda. Em primeiro plano um muro que dá suporte a quartinhas<sup>14</sup>. Como da maioria das casas de Axé, uma bandeira branca de Tempo flameja por entre as palhas do Dendezeiro, das folhas do pé Acocô, das galhas da Aroeira, do pé de Jaca e do Peregum, plantas de fundamentos com folhas sagradas dentro do candomblé e que sombreiam os assentamentos dianteiros daquela casa de santo. No portão de acesso à esquerda, ao entrar, dá-se com o assentamento de Exú. De frente o Alaketu e a casa de Obaluaê; também a casa do Caboclo Flecha Dourada e a casa de Oxumaré e Omolu. Mais adiante e à direita o assentamento de Oxalá e Xangô, Iansã, Oxum e Obá. Seguindo, tem-se o espaço de comunhão onde são realizadas jantares, cafés e onde são recebidos os convidados e visitas em dias/noites de festas,

---

14 Recipientes que guardam o líquido primordial da vida, a água, elemento que apazigua as divindades e fertiliza e refresca a terra. Uma vasilha confecciona em barro (ou porcelana) com o gargalo estreitado e um corpo bojudo encontrada em três tamanhos: quartinha, quartinhão e porrão (KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p. 159).

obrigações e atendimentos. Há um portal que dá acesso ao barracão onde são realizadas as festas e que leva ao portão de entrada mencionado inicialmente. Partindo desta entrada, a do muro da frente, acessa-se o Barracão, mas antes de adentrar no salão, há assentamentos de Zazi e Ogum. No interior do salão de um lado há um assentamento de um Exu de caminho e do outro um Exu de proteção; ao centro, o assento que representa a união de todos os Orixás e no alto o de Oxossi. Ao fundo, três atabaques e a bandeira com o brasão do terreiro grafada: “Ilê Dára Axé Omu Logum Edé”. Também ao fundo, e à direita, uma poltrona exclusiva para o Babalorixá Adelfson e dois assentos para seus convidados; à esquerda a porta de acesso ao honcó.

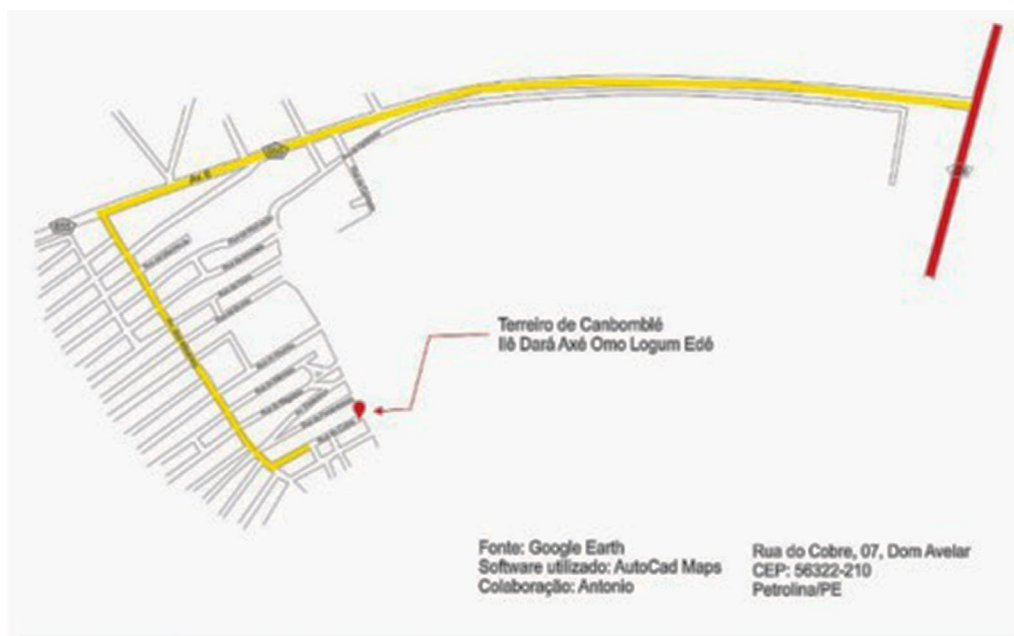


Figura 15 – Mapa de localização. (TOM, 2018)

O primeiro acesso ao Ilê Dará Omo Logum Edé aconteceu na companhia do pesquisador e irmão Juracy Marques em Janeiro de 2016 para convidar o Babalorixá Adeílson para fazer parte dos estudos para a escrita da minha dissertação de mestrado. Depois do aceite, precisei organizar toda a documentação, incluindo Termos, Declarações e Pareceres para enviar para o Conselho de Ética e Pesquisa – CEP/UNEB.

Em Julho de 2017 retornei ao terreiro para tentar organizar uma agenda com Pai Adeílson e os demais sujeitos para as visitas e entrevistas definidas como metodologia na pesquisa. Na ocasião estava acontecendo uma festa para Xangô e Iansã. Era uma noite de sábado. Antes de chegar, de longe, já ouvia os sons dos atabaques e cânticos. Ao me aproximar, já na rua e em frente ao terreiro, troncos de madeira estavam arranjados e uma enorme fogueira estava pronta para promover chamas perante a entrada principal do centro, a da esquerda. Lá dentro já havia iniciado a festa para Xangô e Iansã. Como um maestro, Pai Dedé regia a orquestra composta por atabaques harmoniosamente tocados por seus Ogãs, e em coro todos os seus filhos de santo e convidados cantavam para os Orixás homenageados do dia/noite.

Timidamente adentrei o salão, um espaço com aproximadamente oitenta metros quadrados, com o teto e as paredes ornamentados com a coroa de Xangô ao centro, malhas, palhas e imagens. Via-se também vestidos, turbantes, colares/guias e sentia-se muitas energias que se manifestavam a cada canto e dança. Notei que Pai Dedé usava um discreto microfone sem fio sintonizado a uma caixa amplificadora - um diferencial, pois foi o primeiro terreiro que percebi esta inovação tecnológica.



Figura 16 - Pai Adeilson utilizando microfone sem fio auricular.  
(R. MARQUES, 2017)



Figura 17 - Batizado no terreiro. (R. MARQUES, 2017)

Presenciei algumas crianças também com vestes características que acompanhavam os adultos na gira. Fiquei encantado quando ouvi de Pai Dedé que dali a pouco instantes iria iniciar o batismo de uma criança ainda de colo. Inquieto, tratei de pedir autorização para registrar o ritual. Tudo naquela noite começava a parecer mágico. É preciso ressaltar que a intenção primeira era reencontrar o Babalorixá Adeílson para agendarmos outros encontros para entrevistas e registros para a pesquisa.

Voltando ao anúncio de que em instantes seria realizado um batizado, comecei a notar que a cerimônia de batismo muito se assemelhava a realizada pelo padre na igreja católica: perante uma mesa com uma pequena bacia e um jarro com água, de um lado os pais e padrinhos segurando a criança e do outro a autoridade religiosa, neste caso Pai Dedé, que despejava sobre a cabeça infantil a benta água e no centro frontal da cabeça da criança colocou-se um pequeno pedaço de fita umedecida. Durante o ritual foram proferidas palavras de bênçãos e proteção testemunhadas por todos ali presentes. Inevitável o choro da criança, mas também dos adultos que assistiam.

Terminado o rito de batismo da criança, Pai Dedé e seus assistentes entraram por uma porta aos fundos e à direita do salão (honcó). Seguiu-se uma pausa nas atividades no salão por aproximadamente vinte minutos. Nesse período, foi servido aos presentes, que também dispunham de cadeiras e bancos para se sentarem, água e refrigerante. Quando retornaram para o salão, Pai Dedé e seus auxiliares, trouxeram consigo um filho de santo apresentando-o como o Xangô da Casa e o presentearam com um lindo colar. Em seguida todos foram convidados para o ritual de acender a fogueira.



Figura 18 - Fogo, uma entidade. (R. MARQUES, 2017)



Figura 19 - Naian tocando nos atabaques do Ilê Dará Axé Omo Logum Edé. (R. MARQUES, 2017)

Em volta da fogueira muita energia do calor das labaredas, mas também das orações e cantos que duraram aproximadamente 30 minutos até retornarem para o salão onde iniciaram um coletivo de incorporações de Xangôs e de Iansãs com muitas Ekedis cuidando de seus Orixás. Ali, concomitante, foram servidos bolinhos de acarajé, pão com carne, água e refrigerantes.

Em meio a tantos outros Babalorixás e Yalorixás e filhos de santos de outros terreiros convidados, encontrei-me com Mãe Maria de Tempo e seus (as) filhos (as) de santo inclusive Naian. Fiquei surpreso e emocionado quando o vi interagindo com os Ogãs e tocando nos atabaques do Ilê Dará Axé Omo Logum Edé.

Já passava de uma hora da manhã do domingo quando Pai Dedé assentou um pano branco sobre os atabaques e agradeceu a todos pela presença convidando-os para uma ceia no salão ao lado. Estava, portanto, finalizada a festa para Xangô e Iansã do ano de 2017. Mas eu precisava organizar um agenda/cronograma de entrevistas com as pessoas deste Terreiro que seriam os meus colaboradores (sujeitos) na pesquisa.

Ao invés de ir para a fila da ceia, apesar de estar desejando muito, fiquei a observar duas mulheres que interagiam (brincavam) com a criança recém batizada. Aproximei-me, expliquei um pouco da minha pesquisa e as convidei para uma entrevista. Surpreendentemente aceitaram e como eu não estava com o material para a entrevista em mãos (gravador e roteiro), rapidamente fui até o carro, peguei tudo e retornei para uma jornada, quase que em transe, desta etapa do meu projeto, uma oportunidade excepcional. E além do que estava estabelecido na entrevista

semiestruturada pude perguntar tudo o que fervilhava no meu cérebro, as minhas inquietações sobre os rituais daquela noite: Festa para Xangô e Iansã e ainda o batizado de uma criança em um terreiro de Candomblé.

Já com o gravador, além de interrogá-las, conversei com Ogãs adultos, Ogãs crianças, Ekedis, Makotas, pais e mães de crianças de terreiros, filhos e netos de santo do Babalorixá Adeílson, enfim pude ouvir o povo do Terreiro Ilê Dará Axé Omo Logum Edé. E com as bênçãos de Xangô e Iansã entrevistei também Pai Dedé.

Já passava das três da manhã quando nos despedimos. As quatro e dez, com a cabeça no travesseiro, orei e agradei ao Orixá do fogo, da força e da Guerra (Xangô) e também à rainha dos ventos, trovões, raios e calmarias (Iansã) pela graça. Não esqueci de agradecer aos santos, caboclos, encantados, orixás, espíritos e energias protetoras e regentes dos pesquisadores, que confesso não saber os nomes. Reafirmo que cheguei acanhado, sem “conhecer ninguém” naquele terreiro, senão Pai Dedé em um único encontro promovido por Juracy, e que a minha ida para aquela festa era para estreitar os laços, familiarizar-me com as pessoas, inclusive com o Pai de Santo para agendarmos as datas para as entrevistas. Porém voltei para casa com a sensação de que todos somos irmãos e que nos conhecemos há muito.





Figura 20 – Folhas Pequenas. (R. MARQUES, 2017)

# 5

## ABASSÁ DA DEUSA OXUM DE IDJEMIM<sup>15</sup>



Figura 21 - Abassá da Deusa Oxum de Idjemim  
(R. MARQUES, 2017)

---

<sup>15</sup> 15 Rua Teofilândia, 90 – Barroca – Paulo Afonso/BA.

Para descrever o espaço físico do Abassá contei com a colaboração da Yaô Dorimarè que, de coração e alma, me disse que no Abassá tem um salão extenso com quatro quartos, dois banheiros (um no interior do salão e o outro no corredor). Que esse mesmo corredor dá acesso ao quarto de Exu, ao terreiro da Jurema, e à cozinha. Também que é no salão principal, chamado pela comunidade de barracão, que são realizados os xirês<sup>16</sup>, as festas e saídas de Orixás, na apresentação dos Yaôs, após os trinta dias do feiturio. Ainda no salão, há uma estrutura com um pequeno criatório de peixes ornamentais e a imagem do Orixá regente da casa: a Deusa Oxum. O quarto de Santo, apresenta um pegi, estrutura com muitas imagens de Orixás, onde são realizados ritos como Bori<sup>17</sup>, oferendas e momentos de oração e fortalecimento da sua fé pela comunidade do terreiro.

Em frente ao quarto de Santo encontra-se o honcô, pe-

---

16 Rodas ou giras onde acontecem os ritos de saudações às divindades, incorporações de Caboclos, Orixás e Encantados sob os sons dos atabaques e cantos.

17 Bori (ogborii), para o povo ioruba, e apehe, para os fon, é um ato litúrgico de fortalecimento do orí (cabeça), divindade primordial do homem, que tem como significado “dar comida e bebida ao orí”, “adora a cabeça” (Kileuy e Oxaguiã, 2011, p. 97).

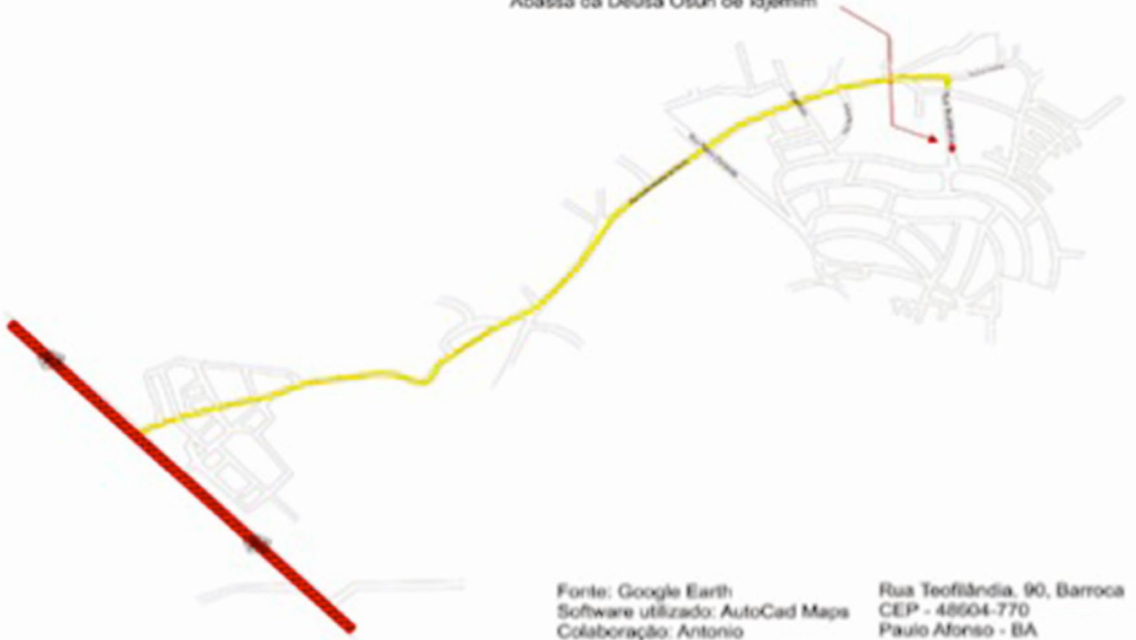
queno quarto sem janelas no qual os iniciados permanecem por um período determinado, e que pode durar até 30 dias. Em frente ao honcó, pode-se observar ao final do corredor imagens de Pretos Velhos e ao lado esquerdo do honcó o quarto das talhas<sup>18</sup>, onde encontram-se assentamentos (ig-bás) dos iniciados no candomblé. Em frente ao quarto das talhas está o quarto de jogo de búzios, onde a Yalorixá realiza a leitura e revelação do que os búzios mostram. Há o quarto de Exu e por trás desse espaço o terreiro da Jurema ou “Mata da Jurema” com plantas medicinais, onde acontecem os rituais de toré<sup>19</sup>, de curas espirituais e consultas com a Cabocla Jurema. Tem uma oca construída com palhas de coqueiro, um Pegi com imagens de caboclos e um cruzeiro também. A cozinha, local sagrado para a realização do ageum (comida), é um espaço à parte do Abassá e uma extensão da antiga habitação da Yalorixá Idjemim. Para acessá-la é preciso passar pelos assentamentos de Ossaim e Oxumaré.

---

18 Também conhecida como quartinha, recipientes que guardam o líquido primordial da vida, a água. Uma vasilha confecciona em barro (ou porcelana) com o gargalo estreitado e um corpo bojudo (KILEUY E OXAGUIÁ, 2011, p. 159).

19 “O Toré é uma expressão espiritual-religiosa de grande importância no Nordeste indígena. No Toré existem os Encantados, os Praiá, os pais do Praiá e os dançadores”. Disponível em: <<http://www.cantosdafloresta.com.br/home/propostas-didaticas/o-tore-dos-indigenas-do-nordeste/>>. Acessado em: 20 nov. 2018. “Toré e jurema são os dois principais ícones da indianidade nordestina. Jurema e toré são, portanto, elementos sagrados e, apesar de sua difusão ritual ou simbólica em contextos não-indígenas, eles são sempre marcadores nativos que indicam, afirmam e delimitam a presença (inclusive espiritual) indígena na sociedade brasileira” (GRUNEWALD, 2008). Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252008000400018](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000400018)>. Acessado em: 20 nov. 2018.

Terreiro de Candomblé  
Abassá da Deusa Osùn de Idjemim



Fonte: Google Earth  
Software utilizado: AutoCad Maps  
Colaboração: Antonio

Rua Teofilândia, 90, Barroca  
CEP - 48604-770  
Paulo Afonso - BA

Figura 22 - Mapa de localização do Abassá. (TOM, 2018)



Figura 23 - Com Idjemim. (LETÍCIA, 2017)

Conheço o Abassá e a Yalorixá Edneusa desde os anos dois mil e oito quando de um ebó que ela realizou para aliviar as tensões energéticas que me acometiam. No dia dez de janeiro de dois mil e dezessete, de carona com Juracy e Gustavo<sup>20</sup>, que foram participar de uma reunião da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH, cheguei em Paulo Afonso. Ainda naquele dia (noite) acompanhei Alzení (querida amiga e irmã) até o Terreiro de Mãe Edneusa que estava realizando alguns trabalhos. Privilegiado, pude acompanhar os rituais e agendar com ela uma conversa para o dia seguinte. No dia onze expus minha proposta de trabalho de pesquisa (momento em que fui devidamente autorizado a realizá-la em seu Terreiro).

Seis meses depois retornei a seu Abassá para realizar as entrevistas. Detalhe: fui de carona, agora com Alzeni que iria se recolher para “raspar<sup>21</sup>” para Ossaim<sup>22</sup>. Naquela noite pude ouvir muitos cantos e encantos, toques de atabaques, inspirar aromas de incensos, e assistir manifestações e incorporações. Numa delas, Alzení é acolhida para a sua iniciação e feitura de santo. Em seguida o ritual se repete e mais uma filha de santo é conduzida para o sagrado espaço (honcó) para acessar os fundamentos dos seus Orixás.

---

20 Doutor Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF.

21 Raspar a cabeça é um momento de purificação e o modo de fazer a pessoa renascer, se preparando para receber sua divindade.

22 O Pai das Folhas. As pessoas iniciadas por Ossaim precisaram se aprofundar grandemente no conhecimento da plantas e de seu uso (KILEUY E OXAGUIÁ, 2011, p. 232).



Figura 24 - Cabocla, uma obra para Jurema. (R. MARQUES, 2017)

À procura de cenas que retratassem crianças nos terreiros, enquanto Tateava imagens, avistei uma escultura de metal “Jurema” pendurada na parede de um quarto mais recuado (honcó). Percebendo que eu muito olhava para a obra, o Ogã me perguntou se eu não queria entrar para melhor observar. Destaco aqui que a escultura que me prendia a atenção é uma obra que esculpi no ano de dois mil e dez e presenteei Aline, hoje filha de santo de Mãe Edneusa. Ela (Aline) havia me dito que a ofertara à Cabocla Jurema por razões particulares. Ainda assim, senti uma grata surpresa e emoção ao rever uma obra depois de tanto tempo. Terminados os trabalhos retornei para a casa de Alzení, onde fiquei hospedado na companhia de Paulo, seu esposo e amigo meu.

No dia seguinte, uma quinta-feira, na companhia de Paulo cheguei ao terreiro pela manhã para visitar os Erês<sup>23</sup> recolhidos. Fomos recebidos (eu e Paulo) por Silvia, a Makota, que individualmente nos conduziu até o honcó. Naquele ambiente, a atmosfera era de muita energia e irradiava um clima de muito contentamento. Nas mãos eu levava balas e moedas para presentear-las; e o pouco de interação que pude estabelecer com os Erês foi de admiração e encanto. Com vozes infantis e por muito incompreensíveis (ainda bem que Silvia estava lá para me ajudar/traduzir) eles me pediram a bênção e demonstraram gratidão pela minha presença. Eu os “abençoei” e, em tempo, também os pedi que me abençoassem.

Ao sair, agendei a entrevista com Mãe Edneusa para o dia seguinte, sexta-feira, após o café da manhã, às 8:30. Ela

---

23 O Erê é a divindade infantil que todos os iniciados possuem. Cada Erê tem seu nome particularizado, de acordo com as especificações de cada Orixá (Kiley e Oxaguiã, 2011, p. 327-328).



me deixou à vontade para registrar em áudios e imagens os encontros com seus filhos de santo e qualquer pessoa que estivesse no terreiro, desde que elas permitissem. À tarde, por volta das 14:30 retornei ao terreiro e garimpei entrevistadas. Enquanto entrevistava Silvia Janayna, Makota, ali mesmo no salão do terreiro, um dos Erês recolhidos passou para ir ao sanitário e Letícia, a adolescente que também foi entrevistada e colaboradora direta da minha pesquisa enquanto sujeito, foi acometida pela energia e incorporou um Erê. Pausamos até que Ramielli, a Ekedi da casa e tia de Letícia viesse suspender o Erê.

Na sequência entrevistei Letícia (com o consentimento da sua mãe Euziane), uma adolescente de treze anos, que começou a frequentar e experienciar o terreiro ainda criança. Depois conversei com Paola, Yaô, e já à noite, entrevistei Ramielli, Ekedi do terreiro.

Devo registrar que pude desfrutar do lanche da tarde e da janta no próprio terreiro, uma experiência maravilhosa. Às 21:30 me despedi de todos que ainda ficaram, mas continuei os trabalhos na casa de Aline entrevistando Juliano, filho de santo até então ainda não iniciado, mas com participação assídua nas atividades. Já passava de uma hora e trinta minutos da madrugada quando finalizamos a entrevista.

Na sexta-feira cheguei no terreiro às 8:20 para a entrevista com Mãe Edneusa. Fora servido o jejum e por ser dia de Oxalá não é servido café, mas chás e sucos. Mãe Edneusa não pode dispor de tempo para a entrevista naquele turno. Aproveitei o tempo e comecei a entrevistar Euziane, mãe de Letícia e filha de Santo (Yaô) de Mãe Edneusa. A entrevista precisou ser interrompida para que fôssemos (eu e

Euziane) até a feira livre para comprar peixes para o almoço.

Ao retornarmos da feira continuamos a entrevista e logo depois pude conversar com Alzení, pois às sextas-feiras os Erês são suspensos. Logo deu meio dia, foi servido o almoço com peixes (frito e cozido), arroz, feijão, macarrão e farofa. Após o almoço, percebendo o meu sono, Silvia me ofereceu uma esteira e um travesseiro. Não deu outra: agarrei no sono. Quando acordei estavam chegando no terreiro os pesquisadores Juracy, Joaquim, Paulo, Daniela e André. O encontro foi regado a chás, risos e fotografias. Já passava das três horas da tarde quando as visitas às acolhidas para a iniciação (Alzení e Bianca) foram suspensas.

Para fechar essa minha estada em Paulo Afonso e no Terreiro da Deusa Oxum Idjemim, Mãe Edneusa me concedeu sua entrevista. Passamos mais de uma hora interagindo com suas narrativas que me levaram a uma longa viagem, entre risos e tensões, da sua história de vida. A esse povo muita gratidão pelo acolhimento incorporado de carinho e generosidade. Axé!



Figura 25 - Como uma árvore, seus cabelos são folhas.  
(R. MARQUES, 2017)

# 6

## INFÂNCIAS NO CANDOMBLÉ E AS FACES DA IDENTIDADE DO POVO DE TERREIRO NO SERTÃO



Figura 26 - Uma liderança para a comunidade e autoridade para os terreiros. (R. MARQUES, 2017)

Ouvir as histórias de Mães e Pais de Santo (Yalorixás e Babalorixás) faz parte do cotidiano dos Povos de Terreiros e acaba se firmando como ritual de aprendizagem dos fundamentos do Candomblé pelos Filhos e Filhas de Santo porque a oralidade tem-se mantido como o principal meio de partilha do conhecimento nas religiões de Matriz Africana também no Nordeste brasileiro.

Acessar essas memórias foi um privilégio visto o cuidado e acolhimento dispensados pelas pessoas que vivem no e para o candomblé (autoridades religiosas, lideranças ou zeladores, crianças e adolescentes de terreiros e pais e mães de crianças de terreiro) em seus templos sagrados onde bebi da seiva dos seus saberes, alimentei minha alma das energias dos seus Orixás, Nkisis, Caboclos e Encantados. Ouvi seus espíritos tocarem em fragilidades e falarem com seus antepassados; dessas narrativas busquei fazer o dever da extensão na pesquisa enquanto ensino acadêmico.

É verdade que os ritos são encantadores, mas não menos intensa é a peleja e o sofrimento por que passam diariamente aqueles que têm como missão o zelo e a responsabilidade da resistência para a manutenção dos cultos nos Terreiros de Candomblé do Sertão, somando-se ainda as obrigatoriedades peculiares e os julgamentos externos que

resultam, quase sempre, em preconceitos, discriminações e intolerâncias.

Cuidei de ouvir inicialmente os (as) mais velhos (as) para, das suas vozes, transcrever a beleza na delicadeza das intimidades ritualísticas inferindo os sentidos da participação de crianças nos terreiros e como as infâncias no candomblé são descritas por eles (elas).

A face primeira das infâncias no candomblé é transcrita aqui sob a perspectiva das lideranças religiosas Maria de Tempo (Yalorixá do Terreiro Bandalecongo em Juazeiro/BA); Adeílson (Babalorixá do Ilê Dará Axé Omo Logum Edé em Petrolina/PE) e; Edneusa (Yalorixá do Abassá da Deusa de Idjemim em Paulo Afonso).

## AS FACES DA INFÂNCIA PELAS LIDERANÇAS (AUTORIDADES) RELIGIOSAS DOS TERREIROS DO SEMIÁRIDO

Para Mãe Maria de Tempo, que tem como Guia de Frente e Orixá de Cabeça Tempo,<sup>24</sup> tudo começou quando de uma visita feita por ela no antigo Abassá de Xangô, hoje o Onyndancor. Ela conta que ainda criança, aos sete anos de idade, começou a sentir sensações estranhas e frequentemente desmaiar sem motivos aparentes que justificassem o

---

24 Nas nações Ketu, Tempo é conhecido como Iroco. Entre o povo Jeje, como Loko. Nos terreiros de Angola e Congo, povo Bantu, é chamado de Kitembo ou simplesmente Tempo, o Orixá que governa os movimentos (Mãe Maria de Tempo, 2016), a criação sobre a criação (Pai Jorge, 2016). Segundo Prandi (2001), Iroco foi a primeira árvore plantada (MARQUES, ALVES E MARQUES, 2018).

desconforto até que, depois de muitos episódios na escola, o farmacêutico/curador senhor Ivo, amigo de seu pai, deu o diagnóstico e a orientação:

Olhe seu Florenço<sup>25</sup>, o senhor vai levar essa sua filha pra casa porque ela tem uma entidade, tem um espirito de luz que acompanha ela desde o nascimento e por isso ela é assim. Quando ela completar quatorze anos esse espirito, essa entidade, vai procurar o seu lugar.

Dito e feito! Segundo Mãe Maria de Tempo quando ela estava pertinho de completar os quatorze anos, os sons dos atabaques chegavam aos seus ouvidos como cânticos hipnóticos convidando-a para sua “missão”:

Eu ia pra casa de uma amiga e eu voltei. Aquele som mais bonito, aquela coisa, sabe!? Minha nossa! Eu vou lá ver como é esse negócio. E fui. Quando eu cheguei lá com uma revistinha de fotonovela debaixo do braço, toda de calça, toda bem arrumadinha, o compadre de meu pai disse: “você veio, né!?” Eu disse: bênça tio Manel! Tomei a bênça e me sentei. Dali começou a cantar lá os negócios dele, meu Deus! Quando começou a cantar pra Tempo, dizem que eu não pulei, eu voei de lá do lugar que eu tava e fui cair num canto bolando. Quando eu acordei, que suspenderam esse Orixá, eu saí catando a sandália onde tava e saí correndo e dali eu não quis mais saber (MÃE MARIA DE TEMPO, 22/07/17).

---

25 Pai de Mãe Maria de Tempo.



Figura 27 - Pai Adeilson. (R. MARQUES, 2017)



Figura 28 - É D'Oxum e da Jurema. (R. MARQUES, 2017)



Pai Adeilson assegura que a sua infância também foi marcada pelos enigmas dos acontecimentos de cunho espiritual também aos sete anos de idade numa festa de Cosme e Damião:

Me colocaram nessa mesa eu pequenininho e, depois dessa mesa, uma das divindades lá me levantou e me rodou, me rodou, eu lembro nitidamente, ela me rodou e falou algo que eu não me recordo pra pessoa responsável que tinha me levado e aí me despertou a vontade de começar a frequentar e eu fiquei frequentando durante esse período todo (PAI DEDÉ - trecho extraído da Cartografia Social dos Terreiros de Petrolina/PE e Juazeiro/BA, 2015).

Já Mãe Edneusa conta que sua infância foi difícil porque sua mãe era médium e, na época, fazia muitas travessuras da mediunidade dela. Segundo a Yalorixá sua mãe chamava muita atenção por fazer coisas que não era do costume dela. Por essa razão é que ela (Edneusa) diz que ignorava e não gostava do Candomblé. Mas que, com os incômodos recorrentes e na faixa etária dos sete anos buscou ajuda e encontrou explicações e razões para o seu sofrimento:

O que eu tinha era um Egum<sup>26</sup>, Exu que queria sempre estar me dominando. Quando ele (Egum) chegava que me dominava, eu saía de mim. Aí ele dominava os meus sonhos. Quando eu ia dormir eu passeava muito mais ele durante os sonhos. Quando ele me chamava que eu não ia atender ele me derrubava. Dava aquele vento forte. Eu via

---

26 É um espírito. Alguém que desencarnou (morreu), mas que não se conforma com tal condição.

aquele vulto correndo e me empurrava nos peito e eu caía para trás. Eu furei muito a cabeça com ele me derrubando. E só me derrubava para trás. E isso era um problema que eu tinha e ninguém conseguia resolver, nem mesmo a mãe de santo de minha mãe. Depois que eu já vim de Salvador, disseram que tinha Pai Tonho lá em Aracajú. Pai Tonho é um padre que ele também é pai de santo, que eu fiz a obrigação. Então esse padre foi quem conseguiu me ajudar.

## CRIANÇAS E INFÂNCIAS NOS TERREIROS SOB O OLHAR DAS AUTORIDADES<sup>27</sup>

Corsaro (2011) nos diz que crianças são agentes sociais, ativos e criativos que produzem suas próprias culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas. Esse mesmo autor infere que a infância é uma forma estrutural, num período socialmente construído, possibilitando que as crianças vivam suas vidas e que, enquanto forma estrutural, a infância é uma categoria ou uma parte da sociedade, como classes sociais e grupos de idade nos quais são membros ou operadores de suas infâncias. Ele ainda nos revela que para a própria criança a infância é um período temporário, mas que, para a sociedade, a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente e sua natureza e concepção variem historicamente.

---

27 Texto reelaborado dos resultados e discussão do artigo primeiro da dissertação “FOLHAS PEQUENAS: Crianças nos Terreiros de Candomblé do Sertão” (ROBSON MARQUES, 2018).



Figura 29 – Liderança Religiosa, Idjemim, em primeiro plano.  
(R. MARQUES, 2017)



Figura 30 – Lideranças Religiosas, em primeiro plano, Mãe Maria de Tempo. (R. MARQUES, 2017)



Figura 31 – Lideranças Religiosas, Pai Dedé. (R. MARQUES, 2017)

Kileuy e Oxaguiã (2011) relatam que a iniciação no candomblé exige do iniciado muita abnegação, amor e tolerância, para seguir a religião que escolheu para guiar e reger a sua vida. Contam também que o Orixá do Yaô<sup>28</sup> é convocado no ritual denominado bolonã (bantu), odaê (ioruba) ou adarrum (fon), num momento delicado, pois o Yaô até então não entrara em transe e por isso se sente melindrado e até meio assustado com o desconhecido. Ele (Yaô) está sensível, já induzido pelos vários preceitos realizados, com o corpo preparado física e divinamente, tornando assim mais fácil a incorporação do Orixá.

É importante destacar que nos terreiros desta pesquisa a expressão mais comum é “bolar no santo” e que das análises dos conteúdos das falas dessas lideranças religiosas do Sertão, extrai-se que a inserção na religião deu-se, inicialmente, de forma inesperada, indesejada e/ou pela busca da cura de enfermidades/doenças que os acometiam.

A pesquisadora Estela Guedes Caputo, da sua dedicação aos estudos que relacionam crianças, educação e terreiros no Rio de Janeiro, nos diz que nas comunidades de terreiro existem inúmeras crianças e adolescentes e que:

Elas ou são da família do pai ou da mãe de santo ou estão ligadas aos filhos e filhas de santo dos terreiros. Assim como os adultos essas crianças são iniciadas no candomblé, desempenham funções específicas, recebem cargos na hierarquia dos terreiros e manifestam orgulho de sua religião (CAPUTO, 2012, p. 33).

---

28 O Yaô é um/uma iniciado/a que se comprometeu em aprender e seguir as normas de conduta e orientação da religião dos Orixás.

Para as lideranças religiosas dos terreiros acessados aqui, a descrição dos sentidos que marcam o envolvimento, bem como os processos de aprendizagens, aqui chamado de participação, das crianças iniciadas em seus terreiros. A pertença é marcada também pelos laços familiares, pois a Yalorixá Maria de Tempo é mãe de uma criança do gênero masculino de dez anos, iniciado aos seis anos e avó paterna de outra criança do gênero feminino de oito anos de idade e que foi iniciada aos setes anos.

Também os pais e a avó materna da criança (menina) são de terreiro: o pai é Ogã, a mãe é Mãe Kota e a avó materna é Mãe Pequena do Bandalecongo. Constata-se, portanto, uma religião caracterizada pela extensão da família e que naturalmente tem esse espaço como um lugar de aprendizagem e educação informal, pois Mãe Maria também costura (indumentárias, vestes e paramentos litúrgicos), cozinha e faz uso das ervas em comunhão familiar.

No Ilê Dará Axé Omo Logum Edé foi possível constatar muito da presença familiar como uma condição natural em que os ensinamentos são transmitidos pela oralidade dos mais velhos para os mais novos, numa cadeia contínua e hierárquica onde o pai Ogã estende seu ofício ao filho, ensinando-o os toques nos atabaques e como lidar com os animas durante os rituais de imolação. As mães também ensinam às suas filhas os cuidados que são mais pertinente, mas não exclusividade, das mulheres como o preparo dos alimentos e os ensinamentos dos fundamentos e as danças, por exemplo. Também no Abassá da Deusa Oxum de Idjemim ficou evidente a participação de famílias nas atividades.

Para Oliveira e Almirante (2017) há um intenso processo de aprendizagem no terreiro que é pensado princi-

palmente como uma forma de “transmissão cultural” dos adultos para as crianças, baseados no que diz o Babalorixá Valmir Mitaquassy, sujeito daquela pesquisa, pois para esse Pai de Santo o terreiro também é uma escola e que tem tempo para aprender tudo e o que se tem para fazer cada um vai fazer, incluindo desde o cuidado com a mobília e com os objetos do terreiro, aos afazeres domésticos e religiosos.

Os mesmos autores evidenciam que, na percepção dos adultos, as crianças são seres em transição, e para que essa transição se faça completa é necessário que um adulto guie a aprendizagem das crianças, sem embargo, resultando num intenso processo de aprendizagem horizontalizado entre as crianças.

Aqui, para as bandas do Sertão, as crianças que vivem a musicalidade, as danças, os ritos de preparação de alimentos e de acesso à espiritualidade, numa conexão entre o ser consciente e o sagrado e que reelabora seus sentidos, portanto, que participam da religiosidade dos terreiros de candomblé e que aprendem nesses espaços informais de ensino também brincando, têm na leveza das suas infâncias, a atenção e o cuidado das autoridades religiosas.

Mãe Maria de Tempo nos relata que a criança dentro do terreiro “representa muita alegria e que ela tem que estar bem educada, tem que estudar”. Evidencia uma infância adulta quando nos relata que ela (a criança) “tem que saber a hora de brincar e tem que ter um pouquinho de responsabilidade”. E cria expectativa quando projeta nesta criança o adulto que, pelos estudos, “um dia vai se formar e ajudar o próprio terreiro”. E acerca dos cuidados, fala-nos que, em seu terreiro, não é de todos os rituais que as crianças podem



participar e que o sacrifício de animais é um deles:

O sacrifício de animais a gente não faz para a criança ver porque a gente tem o medo. Pelo menos aqui no meu terreiro. Porque no sacrifício dos animais tem o sangue, que o sangue é a força. O sangue é a vida, a vida de tudo. A gente usa o sangue dos animais em tudo no Axé<sup>29</sup>. Então este sangue é que a gente não passa na criança totalmente. A gente pega uma folha e é por cima da folha que a gente bota esse sangue pra não botar em cima da criança e ela se assustar (MÃE MARIA DE TEMPO, 22/07/17).

A Yalorixá retrata-nos as condições de participação das crianças, respectivamente filho e neta no seu terreiro, alertando-nos que os papéis das crianças ainda não estão bem definidos, mas a convivência com os ritos e fundamentos (o processo de ensino e aprendizagem nos terreiros) os conduzirão para seus cargos:

Para meu filho eu joguei<sup>30</sup> (búzios) e vi que futuramente ele ia precisar. Então eu já comecei. Conversei com meu marido, e ele é o xodó. Aqui ele faz tudo. Ele ajuda, ele toca. Se ele quiser entrar no Xirê<sup>31</sup> e quiser dançar e participar da dança ele pode dançar, se ele quiser cantar o Xirê

---

29 Trata-se da força, do poder, da energia considerada nos terreiros. (CAPUTO, 2012)

30 Referindo-se ao ifá, ao jogo de búzios. Ela jogou os búzios para ver o destino de Naian no candomblé.

31 É comum empregar a palavra Xirê como sinônimo de Gira. Disponível em: <<http://paipedrodeogum.blogs.sapo.pt/21407.html>>.

ele pode cantar. Então ele é o faz tudo. E a netinha é porque tinha tendência mesmo. Ela é adrenalina pura. Ela está sendo preparada para, mais tarde, ser a Mãe Pequena<sup>32</sup> Geral do Terreiro que hoje o cargo é da avó materna dela. Neles a gente não colocou faixas porque, em algum momento, futuramente, o Orixá pode vim a incorporar (MÃE MARIA DE TEMPO, 22/07/17).

Foi preciso atenção e muito cuidado ao analisar os conteúdos das falas das autoridades para não incorrer em generalizações, pois mesmo em se tratado de uma mesma religião, cada terreiro apresenta suas particularidades e especificidade ritualística na condução quando da participação de crianças (ensino e aprendizagem dentro dos terreiros).

Atentos a esta condição, do Babalorixá Adeílson ouviu-se que “em Petrolina e em São Paulo, na casa de meu Pai Cido de Oxum é comum, pois a mãe é mãe feita, o pai é feito, aí os filhos acompanham” e que no seu terreiro:

Uma filha de santo minha incorporou quando ela era criança. Quando foi iniciada, ela não manifestava e eu falei para todo mundo: “gente, futuramente esta menina vai manifestar, ela vai entrar em transe. Olhei no meu jogo de ifá e eu tenho certeza que ela vai incorporar futuramente”. Porque quando uma pessoa não manifesta, muitos Babalorixás, Mãe de Santo, Pai de Santo, iniciam como Ekedí

---

32 Mãe Maria de Tempo explica que a Mãe Pequena no terreiro orienta, aconselha, guarda os segredos da Yalorixá. Diz ser a pessoa de total confiança do terreiro. E que Kerlen um dia assumirá esta responsabilidade.

ou Ogã. E aí não deu outra. Passaram três anos de iniciação e incorporou de Iemanjá (PAI DEDÉ, 26/07/17).

Para Pai Dedé “a participação de crianças e velhos na religião cria um pouco mais de respeito e credibilidade”. Para ele “onde tem criança e idoso, pode escrever que lá é um lugar sério”. Quanto aos cuidados para que os fundamentos do candomblé sejam aprendidos de forma sadia pelas crianças é enfático ao relatar que os adultos devem servir como modelo e discorre:

Existem festas de Pomba Gira e Exu que gira muita bebida alcoólica e cigarros, muito fumo. Então para uma criança, presenciar essas atitudes, dessas entidades, eu acho que prejudica. É como se estivesse induzindo a criança a ser futuramente uma pessoa alcoólatra, a beber, a fumar e aí eu não sou muito de acordo. Eu acho que se tiver uma festa de Pomba Gira, de Exu, entidade, a gente tinha que evitar que as crianças participassem, mas não é porque ia fazer mal espiritualmente, mas no sentido de, talvez, induzi-las futuramente. Então tem que ter este lado de educação mesmo desde criança (PAI DEDÉ, 26/07/17).

E o Babalorixá sintetiza o sentido da participação da criança no Candomblé sertanejo dizendo que:

A religião não pode parar, então quando a gente inicia crianças é sinal que futuramente vai passar de geração para geração. Eu acho que é uma continuidade para o futuro porque se a gente não tiver criança no candomblé,

na religião, ela vai se acabando. E eu acho que a gente tem que passar alguns ensinamentos para elas para que as coisas não se percam como já se perdeu muito. Que a religião era muito escondida, muitos segredos. Todas as crianças que vão na minha casa presenciam Borí, Orós, que são as imolações dos animais na casa e eles vêm isso com toda naturalidade, não têm medo de nenhum animal, nenhum cabrito, nenhum pato, nenhuma galinha. Eles amam. (PAI DEDÉ, 26/07/17).

Evidenciadas particularidades, principalmente quanto ao acesso aos ritos de imolações, sacrifícios de animais e contato com o sangue entre as concepções das autoridades religiosas, é preciso acentuar e considerar que, em comum, prevalece o cuidado e a atenção à criança e à sua infância, zelando por uma participação salutar.

Ainda no propósito da (re) elaboração dos sentidos da participação de crianças nos terreiros de candomblé do Seritão, sob o olhar das lideranças religiosas, a Yalorixá Edneusa fala que suas filhas de santo levam suas crianças par o Abas-sá e que é bom vê-las crescerem no candomblé brincando e interagindo, pois, as crianças:

Conversam e copiam tudo que as mães fazem. É engraçado. O que eu passo para as meninas é que as crianças têm que vim, as crianças têm que participar, agora as mães têm que cuidar das suas crianças porque tem momento na religião que as crianças não podem estar presentes. E isso, as mães têm de tomar de conta. Na hora de Exu as crianças têm que sair do barracão, não podem ficar no

barracão porque é o momento de Exú e ele não gosta muito de criança. Tem curas que as crianças não podem participar. Tem momentos que a gente tem que proteger, que eu vejo isso como uma proteção.

Eu acho que um líder cria seu povo, a sua fé. Então eu vejo e passo para os meus filhos de santo que a criança tem que vim, mas você não tem que obrigar ela a ser aquilo que ela não quer ser. Eu acho que ela só pode decidir quando ela estiver adulta. Se ela ver que essa religião que ela frequentou é boa para ela, tudo bem, ela fica. E outra coisa que eu não gosto é quando a mãe induz a criança a fazer aquilo. Eu acho que ela tem que fazer espontânea, se ela quiser (MÃE EDNEUSA, 15/08/17).

Faz-se pertinente considerar Oliveira e Almirante (2017) quando destacam, na sua pesquisa, que no candomblé ocorrem processos não formais de aprendizagem, numa dimensão lúdica como elemento central na prática educativa das crianças do terreiro e que essas crianças, ainda que bastante invisibilizadas pela literatura que aborda as religiões afro-brasileiras, são sujeitos ativos, agenciadores e produtores de cultura. Também que o agenciamento dos adultos não direciona completamente os processos de aprendizagem, nem mesmo os comportamentos das crianças no espaço dos terreiros e que a brincadeira, que é compreendida como uma oposição às “coisas sérias do santo”, não se opõe na agência infantil.

Respeitadas as particularidades e como cada liderança lida com a participação de crianças em seus terreiros nas cidades de Paulo Afonso/BA, Juazeiro/BA e Petrolina/PE,

vê-se que, em comum, há nos ritos do candomblé o processo educativo de formação/aprendizagem nesses espaços não formais de ensino e que podem ser acessados tendo a alegria das brincadeiras como parte de todo o processo educativo e religioso.

Portanto faz-se pertinente considerar também que a participação de crianças nos Terreiros de Candomblé no Sertão Nordeste brasileiro caracteriza-se como um fenômeno social, comunitário e familiar, natural para a manutenção, renovação e/ou reelaboração das tradições religiosas de um povo. E que não haveria espetacularidade nas iniciações de crianças nos terreiros se não fossem os olhares distorcidos dos que julgam, discriminam e são intolerantes.

Ainda que essa participação incorpora um sentido que vai além do estar presente e assume, portanto, uma condição de possibilidade de aprendizagem pelo acesso aos fundamentos da religião que envolvem elementos como instrumentos musicais (tocar os atabaques, agogô), confecções de roupas, paramentas e contas (costurando e/ou reparando as vestimentas), o movimento (expressão corporal pela dança), preparo de alimentos (da imolação aos cuidados na feitura das comidas típicas), dentre outras formas que tão particularmente são possíveis nos terreiros que se firmam como espaços informais de educar.



Figura 32 – Folhas Pequenas. (R. MARQUES, 2017)

# 7

## FILHOS NOS TERREIROS COM AS BÊNÇÃOS DOS PAIS<sup>33</sup>



Figura 33 - Mãe e filha: Nadiane e Kerlen. (R. MARQUES, 2017)

---

33 Boa parte do texto deste capítulo é a íntegra do artigo “Filhos nos Terreiros com as bênçãos do pai e das mães” da minha dissertação de mestrado intitulada Folhas Pequenas: crianças nos terreiros de candomblé do Sertão.



Para Caputo (2012) um terreiro é construído de muitos espaços cheios de significados em que é possibilitado ao pesquisador entrar em alguns, mas não em todos. No curso deste trabalho alguns espaços sagrados foram acessados e deles foram feitos registros em imagens e realizadas entrevistas e anotações em diários para descrever as manifestações das realidades que envolvem a participação de crianças e adolescentes no candomblé do sertão.

Depois de capturar as impressões expostas pelas autoridades do candomblé sobre os sentidos da infância em suas casas de santo julguei importante evidenciar as interações entre pais/mães e filhos/filhas religiosos para a compreensão de como se estabelecem os processos de participação e iniciação de crianças em terreiros de candomblé no Sertão do Brasil sob o olhar de um pai e duas mães de duas crianças e de uma adolescente candomblecistas.

A senhora Nadiane, Mãe Kota do Terreiro Bandalecongo, filha de Oxum com Ogum e mãe da criança Kerlen de oito anos de idade conta, inicialmente, sobre as suas relações no e para o candomblé:

Eu comecei a participar com doze anos. Me iniciei com quinze. O meu chamado foi quando eu estava em casa, brin-

cando normalmente como toda criança brinca de boneca, e aí veio um...não sei dizer quem realmente, mas foi através de minha vó paterna. Que ela veio aí e conversou com minha Mãe Maria, foi a própria mesma. Conversou aí disse que eu tinha que seguir a linha dela. O que ela começou e não terminou. Que ela acabou falecendo antes de cumprir a jornada dela. Aí então ela me escolhe para que eu cumprisse a jornada dela (a minha avó). Ainda não incorporo, mas tenho possibilidade. Eu já recebi minha mãe há muitos tempos atrás aqui. Eu tinha oito anos, mas depois de lá pra cá só fico irradiada um pouquinho, tonta (NADIANE, 23/07/17).

Antônio, Ogã do Terreiro Ilê Dará Axé Omo Lgum Edé e pai de Davi, criança de sete anos, também introduz suas narrativas expondo como começou no candomblé:

Eu tinha vinte e quatro anos. Desde então não sai daqui, não pretendo sair. É aqui que eu quero morrer. Porque o candomblé você não escolhe, você é escolhido. É uma religião que você é escolhido. Quando eu cheguei aqui há quatorze anos atrás, não era nada assim, era do outro lado ali. Na minha cabeça eu queria ser filho de santo de outro babalorixá aqui de Petrolina, só que quando eu cheguei, a casa ainda não era rebocada não, era do outro lado ali na palha de coco era coberta. Quando eu cheguei uma coisa disse: é aqui que você vai ser, Xangô vai ser seu pai de santo (ANTÔNIO, 26/07/17).

EE também na mesma perspectiva a Yaô do Abassá da Deusa Oxum de Idjemim, senhora Euziane, mãe da adolescente Letícia, descreve sua história inicial:

Eu cheguei aqui no Abassà pela Jurema também, para conhecer. Vim por curiosidade, simplesmente por isso. Depois de um processo de convencimento eu vim, a primeira vez, por curiosidade pra Jurema, para conhecer. E aquela coisa de que eu não tinha muita fé nessas coisas de quem sabia alguma coisa da vida do outro, que podia dizer do futuro, do passado e do presente. Ao entrar para consulta, para os dez minutos de conversa com a Jurema, aquilo ali me mudou por completo. Por ouvir da boca dela algo que só eu sabia da minha vida e por dizer o que ela disse: que eu tinha sangue de caboclo, que precisava se cuidar. Fiquei trinta dias de quarto. Hoje eu me pergunto: se eu não tivesse chegado aqui, o que seria de mim? Meu orixá de cabeça é Logum Odé. O ajuntó é Omolu e o meu santo de ano é Ogum. (EUZIANE, 14/08/17).

## CUIDADOS NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DO SERTÃO

Mãe Beata do terreiro Ilé Omiojuaro, no Bairro Miguel Couto, Nova Iguaçu- RJ, conta-nos que em seu terreiro todas as diferenças são respeitadas e que partilham essa conduta com suas crianças para que as elas cresçam partilhando o amor, as coisas de seu Egbe<sup>34</sup> e aprendem, fundamentalmente, a respeitar a ancestralidade (CAPUTO, 2012).

---

34 Egbe significa Sociedade: designa a Sociedade dos Espíritos Amigos e se refere, simultaneamente, a um orixá e a uma irmandade ou corporação de seres espirituais: trata-se de Èré igbó ou Aráagbó, que significa Habitante da floresta ou Habitante do além. Fonte: <<http://yorubabrasil.wixsite.com/yorubabrasil/egb>>.

Cosaro (2011) nos diz que as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações, mas que mesmo desempenhando um papel ativo na produção de rotinas culturais com adultos, elas geralmente ocupam posições subordinadas e são expostas a muito mais informações culturais do que elas podem processar e compreender.

Para Kileuy e Oxaguiã (2011) iniciar-se no candomblé é renascer para um novo mundo como uma pessoa mais segura e mais forte religiosa e psicologicamente e também estabelecer uma ligação da sua vida física com a vida sagrada, surgindo assim uma nova aliança, uma nova união. Para os autores, depois da iniciação, as pessoas têm a capacidade e a possibilidade de ajudar a conduzir melhor o seu destino permitindo que seu orixá aja permanentemente no seu dia-a-dia, ajudando na construção de uma vida mais harmoniosa e próspera.

Nadiane se mantém compreensiva quanto às experiências de não aceitação vividas por ela e por sua filha Kerlen, por serem de candomblé, dizendo que “eu não posso forçar ninguém a acreditar no que eu acredito”, numa situação em que uma pessoa que não é de terreiro a julgou, mas que para Nadiane “a pessoa só queria relutar e mandar” nela e que com sua filha a experiência vivenciada foi com uma colega da escola que não aceitava a religião, mas que Kerlen fez a opção dizendo: “ah coleguinha, eu não posso deixar de ser do candomblé pra ser sua amiga, então não seremos mais amigas”.



Figura 34 - Pai e filho: Davi observando seu pai Antonio e os tio Ogãs.  
(R. MARQUES, 2017)



Figura 35 - Mãe e filha: Euziane e Letícia partilhando refeição com  
crianças no Abassá. (R. MARQUES, 2017)

Nadiane relata que sua filha foi raspada e participa de todos os rituais seja um Ebó ou uma iniciação e ainda que:

A preparação dela é tipo o braço esquerdo ou direito da Mãe de Santo. Qualquer iniciação ela tem que tá na frente, junto com a Mãe de Santo. Ela tá com esta atribuição. Só não recebeu o cargo ainda porque a pessoa que tem o cargo dela ainda é viva, mas ela seria a herdeira do cargo e seria a minha mãe<sup>35</sup> porque ela seria a Mãe Pequena da casa. A Mãe pequena é a segunda pessoa da Mãe de Santo. Caso a Mãe de Santo não esteja, a Mãe Pequena fica encarregada de jogar, tirar um Ebó e resolver tudo (NADIANE, 23/07/17).

Ainda sobre quando essa missão fora revelada e como se deu seu processo de iniciação, Nadiane descreve que Kerlen tinha três anos de idade, mas que só aos sete foi feita sua iniciação:

Ela ficou nessa preparação vinte e um dias recolhida pra iniciar e depois de iniciada ela passou mais três meses que são o resguardo, que a gente chama, as restrições de várias coisas. Depois dos três meses ficou restringida mais um ano para que tudo que foi feito na iniciação dela não desse errado. Aí por conta disso tem essas restrições como não vestir preto e vermelho durante um ano, não ir na beira do rio, não ir ao cemitério, nem ver defunto, não comer frutas carregadas tipo graviola, abacaxi e caju. Ela até relutou um pouquinho na primeira semana de ir para

---

35 A mãe de Nadiane, portanto avó materna de Kerlen, é a atual Mãe Pequena (Yakekerê) no Terreiro.

a escola: “ah! mainha, eu tô careca, vão mangar de mim”. Eu disse: é normal. Depois eles vão se acostumando. Não tem nada diabólico! Que os colegas diziam: isso é coisa do demônio. Mas você tem que mostrar para seus colegas que você é diferente. Seu cabelo vai crescer! É raiz (NADIANE, 23/07/17).

Para a mãe Nadiane esse cuidado faz parte de uma escolha que não foi só da parte dela, pois a princípio ela não queria, mas que depois de conversar com Kerlen e ouvir da filha “oxe mãe, eu quero! É bonito, eu quero participar, quero ajudar a vovó<sup>36</sup>”, resolveu seguir as orientações dos Orixás. Ainda revela que hoje Kerlen ajuda na parte da preparação e organização dos fundamentos, que seu Orixá de cabeça é Iansã e o ajuntó Oxossi. Também que a raspagem da cabeça significa renovar os pensamentos, para uma nova consciência de um novo ciclo que se inicia tanto na vida religiosa quanto na vida social e que ela só não participa de trabalho braçal e pesado porque, apesar de tudo, ela ainda é uma criança, “Kerlen na sociedade é uma criança normal: brinca, corre... Em casa é uma menina preguiçosa, não quer fazer nada, só quer dormir. E aqui (no terreiro) ela é bem ágil”.

Afirmando que a condição de estar no candomblé nem sempre é uma escolha e que, por conta do gênero, a discriminação pode ser mais acentuada, Antônio assegura que o seu filho Davi não amargou a discriminação da mesma forma que a sua filha, pois para ele:

---

36 A Yalorixá do Terreiro Bandalecôngo, Mãe Maria de Tempo, é avó paterna de Kerlen.

Homem pode raspar de boa e não tem problema. Já a minha filha sofreu discriminação a ponto de ter que mudar de escola. Ela teve que mudar de umas duas escolas porque ela tinha o cabelão bem grande, aí quando ela raspou, apareceu do nado com o cabelo pequeno. Aí sofreu, de certo modo, discriminação. Como as pessoas não entendiam, uns diziam que ela estava doente, depois que ela falou que era do candomblé algumas pessoas, mesmo assim discriminavam (ANTÔNIO, 26/07/17).

Enquanto Ogã e de Terreiro, Antônio reforça que a condição de ser do sexo masculino dá-lhe mais comodidade quanto a não perceber ou ignorar a discriminação ou preconceito dirigidos a ele e relata o processo de iniciação e aprendizagem de seu filho Davi:

Eu acho que pela minha idade, sou homem, já sou adulto, formado e quando eu falo que sou do Ketu, do Candomblé eu sei onde me colocar, sei para quem falar. Às vezes eu omito, não acho necessário falar para todo mundo: ah! eu sou do Ketu, eu sou do Candomblé. Dependendo onde você trabalha, pessoas de outras religiões vão, tipo, discriminar, mas eu nunca passei nenhum preconceito. Tenho seis filhos no candomblé: quatro homens e duas mulheres. Com menos de doze anos tem quatro. A função de Davi também é tocar, ele já foi raspado, foi feito e sabe-se que ele é Ogã. Ele foi iniciado com quatro anos. A escolha foi totalmente dele. Ele ficou recolhido uma semana, passou pelo processo de raspagem, Bori, tirou os Ebós e aí teve a saída. Ele ainda está no processo de aprendizagem.



Eu sou Ogã, Mida, seu tio, é Ogã e a gente tenta sempre estar passando alguma coisa para ele de forma visual, falando, mostrando para ele como são os toques (ANTÔNIO, 26/07/17).

Antônio ainda descreve que Davi é de Oxumarê e Iansã e que para cada Orixá tem um ponto diferente, uma música diferente, emitindo sua percepção sobre os sentidos da participação de crianças nos terreiros de candomblé:

Criança é o futuro porque eles se espelham nos adultos. Nós/eu me espelho neles. A força deles, a vontade de aprender, o jeito deles e a gente vê, que aqui eles são novos, não têm obrigação, não tem ninguém pegando no pé deles (ANTÔNIO, 26/07/17).

Ressalvadas as particularidades, os processos de aproximação com o terreiro, de iniciação nos fundamentos do candomblé e a incorporação da religião nas vidas da mãe Euziane (Yaô) e da filha Letícia (Abiã), firmam suas condições enquanto resistentes a discriminação, o preconceito, a intolerância, mas também enquanto seres de cuidados.

A Yaô do Abassá da Deusa Oxum de Idjemim fala, com muita clareza e entusiasmo, que sua filha Letícia participa desde sempre mesmo não indo ao terreiro, pois vivenciava os ritos da mãe em casa como o branco que vestia, a vela que acendia, a imagem e o copo com água, dentre outros cuidados.

Euziane assegura que o despertar de Letícia para frequentar o terreiro começou entre os nove e dez anos de ida-

de e que, além do processo de brincar e vivenciar com as outras crianças, ela (Letícia) tem uma rotina muito parecida com da mãe: ajudar na alimentação, na limpeza do barracão e em outras tarefas no Abassá. Diz ainda que:

Ela é filha de Xangô e já incorpora sim. Já se desenvolve. Tá no processo de desenvolvimento. Até o momento Letícia tem participado de todos os rituais com a gente (EUZIANE, 14/08/17).

Quanto ao preconceito e à discriminação, Euziane relata que se puder fazer um contraponto àquilo que lhe dizem, ela faz, senão prefere não tencionar e descreve uma situação:

Quando eu raspei minha cabeça, que eu apareci de cabelo curto, então uns olhavam, achavam que eu estava doente já pra morrer, outros não queriam ficar perto. Em Aracaju eu ouvi um comentário em um ponto de ônibus: “esse povo de terreiro, de macumba, só sabe fazer o mal”. E foram destrinchando e fazendo o crochê em torno disso. Para mim foi muito forte. Eram três enfermeiras. Eu fiquei só ouvindo, não tinha o nível para eu debater. Era mais para sair no tapa, então foi melhor ficar quieta. E Letícia nunca me comentou nada quanto a preconceito ou se foi discriminada (EUZIANE, 14/08/17).

Quanto aos cuidados com sua filha, Euziane diz que tem falado muito com Letícia a respeito das suas obrigações e responsabilidades e como isso poderá impactar suas relações na escola:

Às vezes ela falta na primeira quinta-feira do mês para vir para a Jurema e a gente diz: “ah! porque vou sair com o teatro<sup>37</sup>, vou para uma apresentação, vou ao médico, vou fazer alguma coisa...”, mas ela me disse: “mãe, eu vou dizer para onde eu vou”. Ai eu perguntei se ela tava preparada porque ela não sabia como os outros iam aceitar ou o que ela ia ouvir. Então a gente dialoga muito com ela neste sentido. Mas ela disse que na sala dela alguns professores sabem que ela é do Candomblé (EUZIANE, 14/08/17).

Os discursos convergem para os cuidados nos terreiros e o pai e as mães apresentam algumas semelhanças com seus filhos, ou o/as filho/filhas com ele/elas, quando do processo de iniciação, que vão muito além das coincidências, perpassando o preconceito e a discriminação por serem parte de um povo que tem como essência religiosa os cultos aos Orixás, Nkisi, Caboclos e Encantados.

Os terreiros de candomblé no Sertão nordestino, firmando-se enquanto família, comunidade, sociedade e espaços informais de educação, segundo as descrições, cumprem religiosa e humanamente as condições de relacionamentos interpessoais onde saberes, conhecimentos e atitudes andam de mãos dadas com o respeito e o cuidado consigo, com o próximo e com o sagrado.

A organização das sínteses dos conteúdos das falas de um pai e de duas mães de crianças e da adolescente de terreiros, e que também são homem e mulheres do candomblé no Sertão constitui um exercício que provoca também a

---

37 Euziane e Leticia compõem uma companhia de teatro na cidade em que moram.

análise das análises, vistos todos os sentidos envolvidos: da família à sociedade; da coletividade ao individual, mas principalmente pela ótica da religiosidade que foge aos olhos da razão para fazer morada na subjetividade das existências dos seres humanos e não humanos.

Entende-se também que estar e ser integralmente de candomblé exige comprometimento e muita dedicação, mas que apesar de tamanha responsabilidade atribuída às crianças e à adolescente, elas não deixam de ser elas mesmas, continuam crianças e adolescente com a identidade dos povos de terreiros.



Figura 36 – Mãe e filha no Bandalecongo: Nadiane e Kerlen sendo entrevistadas por Robson. (ALVES, 2017)



Figura 37 – Entrevista com Euziane, mãe de Letícia. (LETÍCIA, 2017)



Figura 38 – Entrevista com Letícia, filha de Euziane.  
(ODÔNÍLÉ, 2017)

# 8

## FOLHAS PEQUENAS: Crianças nos Terreiros de Candomblé do Sertão do Brasil<sup>38</sup>



Figura 39 - Crianças nos Terreiros: Naian. (R. MARQUES, 2017)

38 Os textos deste capítulo, em muito, são integra da artigo “Folhas Pequenas: crianças nos terreiros de Candomblé do Sertão” que compõe a minha dissertação de mestrado e que foi apresentado na XXIII International Conference Society for Human Ecology “Navigating complexity: human-environmental solutions for a challenging future” – Lisboa, Portugal, July 7-10, 2018.

Corsaro (2011) infere que, pela concepção teórica tradicional, em que grande parte do pensamento sociológico sobre criança e infância deriva do trabalho teórico sobre socialização – processo pelo qual as crianças se adaptam e internalizam a sociedade – a criança é vista como alguém apartada da sociedade, que deve ser moldada e guiada por forças externas a fim de se tornar um membro totalmente funcional.

Ele nos diz que, no modelo determinista, a criança desempenha basicamente um papel passivo, no qual é, simultaneamente, uma “iniciante” com potencial para contribuir para a manutenção da sociedade e uma “ameaça indomada”, que deve ser controlada por meio de treinamento cuidadoso. Ainda para esse autor, no modelo construtivista, a criança é vista como um agente ativo e um ávido aprendiz, perspectiva na qual a criança constrói ativamente seu mundo social e seu lugar nele.

Nas suas pesquisas Caputo (2012) informa que, enquanto pesquisadora, tenta “enquadrar” aspectos da realidade e recortar da imensidão observada uma imensidão menorzinha, sobre a qual se pode olhar mais detidamente e que o terreiro lhe oferecia o infinito, mas que focou suas observações conversando, entrevistando e fotografando es-

pecialmente as crianças relacionando-as à comunidade de terreiro como um todo.

Tomando essas concepções como orientação para se chegar a uma possível descrição/compreensão dos processos que envolvem crianças na aprendizagem e na socialização dos conhecimentos e saberes das religiões de matrizes africanas, mais especificamente do Candomblé no Sertão, para este trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três crianças e uma adolescente de três terreiros de Candomblé em três cidades do nordeste brasileiro.

Do Terreiro Bandalecongo (Juazeiro/BA) foram entrevistadas as crianças Kerlen de oito anos de idade, iniciada no candomblé aos sete anos, e Naian de dez anos de idade, iniciado na religião quando tinha seis anos; Do Terreiro Ilê Dará Axé Omo Logum Edé (Petrolina/PE), foi entrevistada a criança Davi de sete anos de idade, iniciado aos quatro anos; e do Abassá da Deusa Oxum de Idjemim (Paulo Afonso/BA), o conteúdo analisado foi o da fala de Leticia de treze anos de idade, iniciada aos dez anos.

## A INFÂNCIA NA ECOLOGIA HUMANA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ NO SERTÃO

Kileuy e Oxaguiã (2011) discorrem que a palavra “candomblé” parece ter se originado de um termo da nação Bantu, *candombe*, e traduzido como dança e batuque, referindo-se a brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e também divinas dos negros escravos, nas senzalas, em seus momentos de folga. Também que trata-se de uma



religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos, adaptada às condições ambientais e com a função primordial do culto as divindades – inquices, orixás ou vuduns - , seres que são a força e o poder da natureza.

Sobre suas atividades no terreiro, Kerlen, criança do Terreiro Bandalecôngo, diz que ajuda a Yalorixá<sup>39</sup> separando as comidas e as coisas das limpezas para passar no corpo das pessoas quando de algum trabalho de limpeza ou iniciação, e que seu terreiro é de candomblé. O seu imaginário parece surpreender quando ela elabora sua Ecologia Humana ligando a África ao Semiárido nordestino ao descrever que gosta de zebras, que tem dois cachorros e que seu paladar é atraído pelo doce gosto da fruta uva.

Já Naian, também criança do Bandalecôngo, afirma que dentro do terreiro faz muitas coisas: “tocar, quando tem festa, ajudar minha mãe em um ebó<sup>40</sup>, tirar ebó e a levar o ebó.” E que ele mesmo se define, diante dessas múltiplas funções, como um “Keligebó<sup>41</sup>”. O pequeno candomblecista diz ser também Ogã.

Naian ainda diz ser de Candomblé, inferindo distin-

---

39 Autoridade religiosa que conduz o terreiro.

40 Para Kiley e Oxaguiã (2011) o sentido de “fazer ebó” firma-se em rituais que permitem o fortalecimento da vida espiritual, como também faz parte dos rituais que ajudam a afastar as forças negativas, que trazem a instabilidade. São elementos que podem ser ofertados para Exu, eguns e Edus e também para os orixás e demais divindades.

41 Da fala de Naian o sentido apreendido é o daquele que lida com ebó, mas que, segundo a Mãe Kota, ele não exerce o cargo ainda.

ção entre este e a Umbanda<sup>42</sup>: “É que aqui canta algumas músicas que já é muito diferente na Umbanda.” Ele fala também que gosta e que cuida da natureza e das plantas e que entre lidar com “bichos” e com as pessoas, é mais fácil “com os bichos, porque o povo de lá de fora, eles ficam falando coisas da gente. Criticando”.

Davi, criança do Ilê Axé Dará Omo Logum Edé, afirma que é Ogã<sup>43</sup>, que gosta de tocar atabaques e que lida com os animais de forma tranquila. Assume ainda que é de Candomblé, verbalizando sua defesa conceitual do que diferencia Candomblé de Umbanda: “Umbanda toca bateria e Candomblé toca atabaque”. Descreve também como cuida das plantas: “Boto água e deixo no sol.” E o porquê de gostar de cobras e não temê-las: “porque eu sou de cobras<sup>44</sup>”, aludindo ao seu Orixá de Cabeça, Oxumaré. Ele esboça naturalidade ao falar que presencia seu pai e seus tios (que também são Ogãs) nos rituais e já realiza as imolações para oferecer às divindades. Na condição de Alabê, Davi auxilia o pai e os tios em funções específicas de Ogã Axogum.

---

42 Para Prandi (2003), a Umbanda é um ramo afro-brasileiro e se formou no século XX, no Sudeste, e representa uma síntese do antigo Candomblé da Bahia, transplantado para o Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX, com o espiritismo kardecista, que veio da França no final do século XIX (MARQUES e NOVAES, 2015, p. 33).

43 Autoridades masculinas, de posto hierárquico abaixo do/a sacerdote/sacerdotisa, e seus auxiliares diretos, assim denominados pelo povo ioruba. Na nação fon recebem o nome de runtó/huntó e na nação bantu são chamados de xicaríngome/xincarangoma. Estes homens, tal como as equedes, não entram em transe (Kileuy e Oxaguiã, 2011, p. 60).

44 Pai Dedé ratifica que Davi é filho de um Orixá chamado Oxumaré que na religião é uma cobra. Por isso que ele é apaixonado por cobras.



Figura 40 – Crianças nos Terreiros: Kerlen. (R. MARQUES, 2017)



Figura 41 – Crianças nos Terreiros: Davi. (R. MARQUES, 2017)



Figura 42 – Crianças nos Terreiros: Leticia. (R. MARQUES, 2017)

A Abiã<sup>45</sup> adolescente do Abassá da Deusa Oxum de Idjemim, Letícia, quando da resposta acerca do que faz no terreiro, mostrou-se um tanto quanto tímida e/ou tensa a ponto de limitar-se a responder “sou Abiã no terreiro”. Diz nunca ter ido a um terreiro de Umbanda, mas com desenvoltura assume ser de Candomblé e segue argumentando:

Para mim o candomblé é uma religião que é igual à Católica. Só que na Católica os nomes dos santos são outros. Nossa Senhora de Aparecida é Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição é Oxum. É diferente, mas é igual. E o idioma é diferente, mas é baseada na Igreja Católica. É um ritual de fé (LETÍCIA,13/08/17).

Ela faz uma associação na relação da religião com a natureza e adverte quanto ao comportamento ecológico do homem sobre os elementos:

É muito igual porque a cobra, por exemplo, tem um deus que domina ela, que é Oxumaré. Tem a floresta que quem manuseia é o Oxossi e as folhas Ossaim. Tem a lama que é a Nanã, tem o rio de água doce que é a Oxum. Tem a de água salgada que é Iemanjá. Tudo se bate com a realidade do Candomblé. Eu acho que o candomblé é mais a realidade da natureza do que a igreja católica.

Mas o homem tem que ter consciência daquilo que ele está fazendo. Exemplo: tem um deus que vai dizer o que

---

45 Traz a ideia de início, de nascimento, representa o começo, é um pré-iniciado, o primeiro momento do futuro iaô.

é que ele tem que fazer? Não! Tem que partir dele, não é dos outros. Porque cada vez mais a gente encontra uma floresta desmatada. O povo sempre questiona por que não chove ou por que ali choveu muito e aqui não choveu. Talvez onde não choveu era onde estava tudo desmatado e onde choveu é porque eles preservaram (LETÍCIA,13/08/17).

Corsaro (2011) nos descreve que a reprodução interpretativa encara a integração das crianças em suas culturas como reprodutiva, em vez de linear. Para ele, nessa perspectiva de reprodução, as crianças não se limitam a imitar ou internalizar o mundo em torno delas. Segundo o autor, elas (crianças) se esforçam para interpretar ou dar sentido a sua cultura e a participarem dela. Nessa tentativa de dar sentido ao mundo adulto as crianças passam a produzir coletivamente seus próprios mundos e culturas de pares.

Segundo Tomaz (2014) a relação simbólica estabelecida entre os povos e comunidades tradicionais e a natureza constitui uma etnoecologia de preservação e de cuidado e que a vulnerabilidade a qual estão submetidos pode ser entendida pela construção histórica, à qual esses grupos diferenciados tiveram que se submeter desde o Brasil colônia à contemporaneidade.

Higino (2011) infere que o espaço social do terreiro é um espaço religioso e também educativo, pois é na convivência que se estabelece a troca de conhecimentos, uma vez que a herança religiosa traz consigo, no decorrer da história, um contexto de resistências e opressões sociais

que conduzem o negro a exercer sua cidadania e definir sua identidade e a sua consciência. Para a autora na educação do Candomblé há valores transmitidos por estarem ligados à espiritualidade e a base de sua existência é a transmissão de fundamentos e doutrinas, oralmente, pelos mais velhos.

Percebe-se, portanto, nas falas das crianças e da adolescente, uma interação que relaciona diretamente religião, natureza (meio ambiente), sociedade/comunidade, símbolos culturais em suas próprias condições enquanto infância numa perspectiva interpretativa, seguindo Corsaro (2011). Assim, da realidade cultural adulta participam, mas também reelaboram e ressignificam a sua interação, descrevendo tal relação como a força motriz que as ligam, nos rituais, também às divindades, mas principalmente a diversão, como conexão ecológica na representação de Orixás que têm como principal característica o cuidado e/ou a simbologia com os elementos da natureza, por exemplo, Oxumarê (cuja representação é a cobra) e/ou Oxossi (guardião das matas), dentre outros, numa conexão entre o humano e o sagrado.

## INICIAÇÃO NO CANDOMBLÉ: PERCEPÇÕES INFANTO-JUVENIS NOS TERREIROS

Leonardo Boff, ao tratar dos princípios éticos da responsabilidade ilimitada e do respeito, nos diz que “a responsabilidade, fundamentalmente, tem a ver com a consciência do ser humano, de ele dar-se conta das consequências



dos seus atos” e que o respeito é “a atitude perante o outro: quando respeitamos garantimos o direito que as coisas existam” (BOFF, s/d)<sup>46</sup>.

Em “A Voz do Tempo: os Ventos do Terreiro Bandedcôngo<sup>47</sup>” a Yalorixá Mãe Maria de Tempo nos diz que a Iniciação é o nascimento para uma nova vida e que nas casas de nação Keto tem a tradição de raspar a cabeça do iaô durante o processo de feitura do santo, enquanto a pessoa está recolhida (período que varia entre 14, 21 e 30 dias) a depender das particularidades da vida pessoal do iniciando. Para ela, a raspagem da cabeça significa que aquela pessoa está deixando tudo para recomeçar a viver com a cabeça limpa e pura para receber os ensinamentos que serão regidos pelo Orixá do seu Ori<sup>48</sup> (MARQUES, ALVES e MARQUES, 2017).

A pesquisa de mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGecoH/UNEB – resultou numa descrição, entre outras particularidades, de como as crianças e a adolescente dos terreiros do Sertão do Brasil se percebem enquanto parte de uma religião com muitas marcas de resistência preconceito e discriminação, ainda fincadas com muita violência nas suas memórias, nos corpos e nas inter-relações

---

46 Trata-se de um documentário disponível nas redes e plataformas sociais, que foi acessado no dia 9 fev. 2018 (<<https://www.youtube.com/watch?v=6YFTh2yEPlk>>), mas que não dispõe da data de sua produção.

47 Livro organizado por Juracy Marques, Maria Rosa de Almeida Alves e Robson Marques.

48 É o nome da nossa cabeça física para os iorubas; camutuê ou mutuê para os bantus; e tá para a nação fon. O orí é uma divindade que serve apenas a seu filho, pois é individual e unitário (KILEUY e OXAGUIÃ, 2011).

humanas estabelecidas, inclusive nos espaços formais de ensino (escolas), e como elas mesmas interpretam essas vivências.

De Kerlen ouviu-se que na escola em que estuda seus colegas sabem que ela é de terreiro e que, segundo a criança, “eles ficam assim: Kerlen, como é que você dança? Aí eu fico meio perdida. Aí eu vou logo fazer minha atividade.” A este respeito, faz-se pertinente que a Yalorixá Mãe Maria de Tempo, que é Mãe de Santo e avó de Kerlen dê seu testemunho quando da fase em que Kerlen “fez-se” no santo:

Kerlen raspou a cabeça, foi para a escola, foi de touquinha. A gente fez uma touquinha bonitinha, branca, botou nela e ela foi de touquinha e sempre perguntavam por que ela não tirava a touca. Então ela foi e disse: “ não, não tem problema não, vocês querem ver?” Aí foi e tirou. Que ela conversa demais. Tirou a touca e: “oió, não tem nada demais. Aqui é cabelo, cabelo um dia vai nascer. Vai ficar tudo de novo, meus cachinhos vão voltar todos de novo”. Ela é assim (MÃE MARIA DE TEMPO, 22/07/17).

É importante evidenciar que uma das marcas do processo iniciático no candomblé, também no Sertão, é o rito de raspar a cabeça e o recolhimento em um quarto (honcó, camarinha) para o aprendizado dos fundamentos como saudações, cantos, danças, o que comer ou deixar de comer para estar em harmonia com o Orixá que regerá a vida do iniciado a partir da feitura.

Esse processo é acompanhado e orientado direta e constantemente, durante todo o período de recolhimento, por uma pessoa de muito conhecimento e saber dentro do

terreiro, chamada de Makota ou Mãe Kota. E que, por caracterizar, principalmente nas mulheres de cabelos compridos, uma mudança radical de visual têm sido descrito como a mais corriqueira forma de preconceito, discriminação e intolerância por que passam as pessoas de candomblé (em particular a mulher).

Do seu processo de iniciação na religião, o que Kerlen descreve das suas memórias é que começou aos sete anos de idade, que participou de uma festa dentro do salão do terreiro, que tinha muita gente e que não estranhou a cabeça raspada. Quanto a seus guias de cabeça, revela que são Iansã e Oxossi.

Naian, ao ser indagado se já tinha acontecido com ele algum problema por ser de terreiro, relata uma situação ocorrida na escola entre ele e seu colega:

Se é que aconteceu...? Foi uma vez que eu contei a meu colega da escola. Só que eu pedi pra ele pra não contar a ninguém. Aí ele pegou e não gostou da minha religião, que ele era meu melhor amigo da escola. Aí ele não gostou e disse que eu era macumbeiro, que eu ia fazer macumba pra ele. Aí eu não gostei. Ai eu peguei e terminamos nossa amizade. Aí ele foi e jogou uma pedra em mim. Aí eu peguei e fiquei sem falar com ele (NAIAN, 23/07/17).

E ao ser questionado se seus professores e demais colegas, na escola, sabem que ele é de terreiro, afirma que: “Só minha prima”. Diz ainda que não conta para os colegas e professores, apenas para a diretora, porque não tem coragem de contar. “Porque eles ficam me chamando

de macumbeiro e eu não gosto. E também eu não gosto de arrumar muita confusão.”

Porém é quando Naian tenta descrever o sentimento apreendido quando é chamado de macumbeiro que se percebe uma possível desordem na sua tentativa de (re) elaboração conceitual e de significado religioso: “Macumbeiro é...não é...Macumbeiro é a mesma coisa de Candomblé...Não sei explicar muito não.”

Indagado sobre sua inspiração para ser de candomblé ele diz que é “porque eu vi minha mãe aí eu me incentivei muito. Aí eu quis entrar.” “Pra mim...eu não me lembro, mas eu acho que foi eu que escolhi.” E revela que seus guias de frente são: “Oxossi de cabeça, Oxalá, Iemanjá e Oxum vem depois.”

Infere-se, do conteúdo das falas de Naian, o quanto a sua realidade religiosa está em constante conflito com os olhares alheios à sua religião no cotidiano escolar pela relação relatada com seu colega, mas que é sustentada pela convicção das vivências com sua mãe (Yalorixá Maria de Tempo).

Davi falou apenas que tem um colega que é de um outro terreiro, e que na escola não percebiam nada de diferente. Ele, com respostas inusitadas e próprias da sua faixa etária, diz que foi com seu tio Mida que aprendeu a tocar. E, quando é perguntado quais os métodos que seu tio utilizava para o ensinar ele responde: “Ensinando! Eu olhava e aprendia”. Essa fala traduz uma das formas como se dá a educação nos terreiros: ainda fortemente baseada na tradição oral, as crianças observam, ouvem e aprendem.



Figura 43 - Iniciação. (R. MARQUES, 2017)



Figura 44 - Sinais. (R. MARQUES, 2017)

Letícia revela-nos que por ser de Terreiro de Candomblé já foi discriminada, já passou por alguma situação preconceituosa:

Tem uma colega minha, da escola, que ela é crente. Ela não acredita nisso e tal. Se eu for com um colar assim eu já sou macumbeira, eu já sou aquela que faço feitiço para o povo, jogo aquilo no povo e tal. Aí quando eu chegava lá ela começava a dizer coisas, começava a rir de mim. Aí, na aula de religião, a professora começou a falar do Candomblé e perguntou quem era do Candomblé. Eu disse que eu era e tinha uma outra colega que era também. Aí essa menina (crente) foi querendo inventar coisa e tal. Eu disse a ela: do mesmo jeito que eu respeito a sua, você tem que respeitar a minha. Eu tenho a minha escolha, você tem a sua. Eu disse isso para ela e mais nada. E hoje ela é de boa com a religião. Ela nunca mais disse nada. Vou de colar e tal, nunca mais disse nada (LETÍCIA, 13/08/2017).

Para Letícia uma situação de discriminação enfrentada na escola, não a fez se sentir vitimizada, pelo contrário, ela usou da situação em sala de aula para declarar-se de terreiro e fazer com que sua colega a respeitasse como tal. Pela sua declaração, Letícia parece estar firme quanto à sua escolha religiosa e dar-nos uma boa lição: não calar-se diante do opressor e orgulhar-se daquilo que faz com amor e devoção.

É possível considerar, portanto, que pela categorização que direcionou as falas para as análises e conforme valores semânticos em comum, no tópico da Infância das Ecologias Humanas dos terreiros no Sertão, assente-se que

as crianças e a adolescente, com suas interpretações e (re) elaborações da realidade descrevem-nos suas atividades no terreiro mantendo a ingenuidade e a pureza peculiares das suas idades firmando suas infâncias no contexto da religiosidade e também enquanto seres ativos e criativos.

Kerlen e Davi economizaram na verbalização das respostas, mas se mostraram muito atentos e encantadores pelo desprendimento na reelaboração das suas realidades. O conteúdo das falas de Davi, em especial quando relata que “Umbanda toca bateria e Candomblé toca Atabaque”, parece evidenciar um afastamento do argumento adulto de que são as entidades, os ritos, os toques, as músicas, as oferendas e, mais genericamente, o rito de raspar ou não raspar a cabeça o que representa esse diferencial (distinção entre candomblé e umbanda), ratificando sua autêntica interpretação.

Naian também envolve a musicalidade quando se dispõe a distinguir Candomblé de Umbanda, o que é muito pertinente, visto sua condição também de Ogã. E que muito provavelmente a discriminação vinda das pessoas externas à sua religião é o que o faz se entender melhor com os seres que não o julgam: os animais não humanos, “os bichos”.

É preciso considerar também ainda que Letícia define Candomblé como sendo um ritual de fé sincretizado no Catolicismo (religião Cristã)<sup>49</sup>. Associando os elementos da natureza com os orixás, em seu discurso, ela compara sua religião com a igreja católica emitindo que o candomblé

---

49 A este respeito a Yalorixá Mãe Maria de Tempo diz-nos que, no início, lá quando começou tudo para a sociedade aceitar um pouquinho o candomblé, precisou-se esconder muita coisa. Então tiveram que comparar o Orixá que incorporava na pessoa com o Santo da igreja católica.

vivencia mais a realidade ambiental e também relativiza as responsabilidades sinalizando que, na hierarquia de cuidados, está faltando muito da parte dos humanos.

A respeito dos sentimentos dos seus processos de aprendizagem e iniciação, as crianças e a adolescente de terreiros do Sertão do Brasil descrevem o quanto de brincadeira, beleza, saberes e conhecimentos há em tocar atabaques, cantar, dançar, auxiliar nos preparos ritualísticos, bem como se conectar em planos distintos (o terreno e carnal com o ancestral e divino) reelaborando e ressignificando, dentro das suas perspectivas infantis, as realidades culturais e religiosas do candomblé compartilhadas com os adultos.

Pode-se inferir da fala de Kerlen que da parte de seus colegas há mais curiosidade que discriminação quando pedem para vê-la dançando, mas nem as perguntas nem as respostas dão conta de argumentos capazes de um desfecho conclusivo. De Naian, infere-se o quanto é violento para ele ser rotulado de macumbeiro a ponto de não ter coragem de contar para os colegas e professores que é de Candomblé, temendo maiores retaliações o que pode estar colocando-o, como muitos de terreiro, numa posição de invisibilidade religiosa.

E o sentimento de pertencimento de Letícia é ratificado por toda a sua história de dedicação e reciprocidade quando dos seus aperreios serem devidamente cuidados dentro dos ritos da sua religião. Crianças nos terreiros, para Letícia, ganha sentido de uma realidade com liberdade e espontaneidade nesses espaços pelos comportamentos naturalmente vivenciados, o que faz do seu discurso uma pérola, visto a autonomia e autenticidade das suas descrições.



Destaca-se o quão importante foi escutar as próprias crianças e a adolescente a respeito das suas vidas, das suas escolhas e das suas participações no candomblé. Suas falas são ventos fortes contra toda a montanha de preconceitos, discriminações e intolerâncias estruturados contra o candomblé e, particularmente, sobre a iniciação de crianças em religiões afro-brasileiras. As construções, interpretações e (re) elaborações infantis próprias do contexto histórico marcantes do povo negro ratificam que as crianças de candomblé do Sertão são Folhas Pequenas que nos ensinam grandes lições.

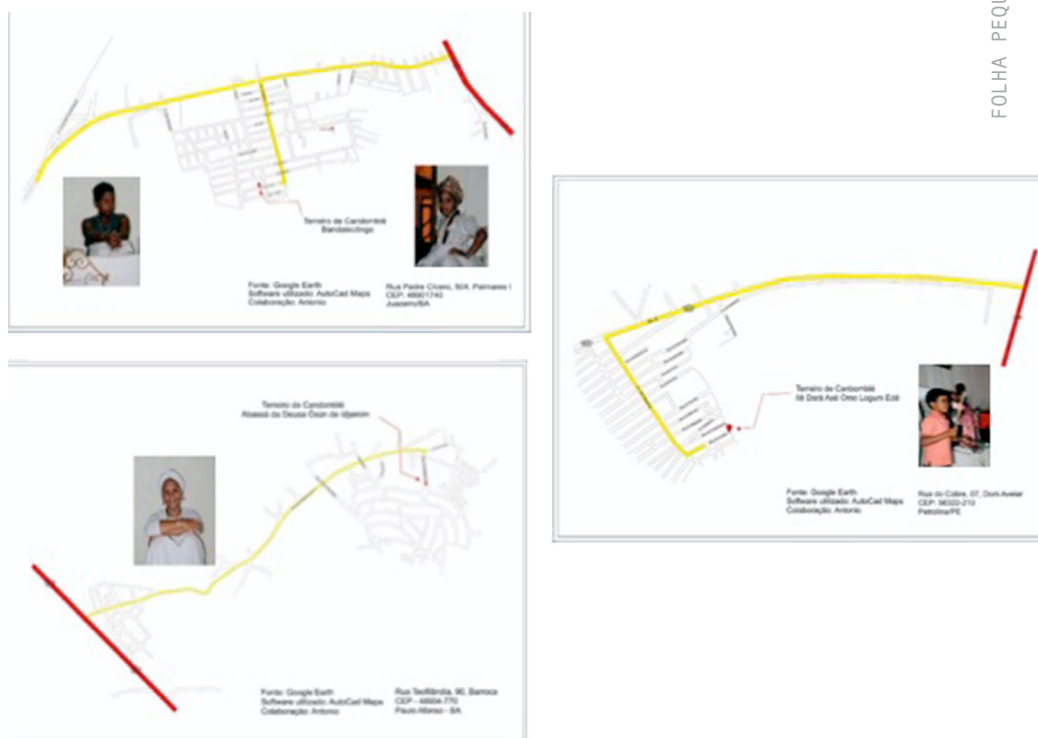


Figura 45 – Crianças e Adolescente nos Terreiros.  
(ARQUIVO DO AUTOR, 2017)

# 9

## AS SENSações DOS ACESSOS E INCORPORAÇÕES POR UMA ADOLESCENTE



Figura 46 - Folhas Pequenas, uma adolescente. (R. MARQUES, 2017)

Depois de muito falar sobre a sua história no candomblé, Letícia ainda relata que:

Eu vim através dela (mãe Euziane), das minhas tias, que tudo faz parte do Abassá. E eu vim conhecer a Jurema<sup>50</sup>, que eu era muito doente. Aí eu cheguei, tinha dez anos apenas, quando deu aquela vontade de conhecer aquela cabocla de pena. Ai eu fui, cheguei lá e ela me perguntou o que eu queria dela. Ai eu falei que eu queria que ela me ajudasse. Aí ela foi e pediu o meu cabelo, meu cabelo grandão, cacheado. Aí eu dei o meu cabelo. Passaram luas e luas. Assim: ela pediu um pouco do meu cabelo. Aí eu dei. Quando foi cortar ela perguntou o tamanho. Aí eu disse. E ficou por aqui (sinalizando nas imediações da orelha). Era por aqui (sinalizando nas imediações da cintura) aí depois disso, toda sessão que tinha da Jurema eu vinha e teve uma vez que eu vim para o Xirê, que é uma gira. Foi aquilo que você viu ontem que tem as danças, os cantos, cantigas e tal. Aí eu fiquei interessada em participar mais (LETÍCIA,13/08/2017).

---

50 Mãe Edneusa descreve a Jurema como sendo uma cabocla muito considerada, cheia de muito Axé, sagrada e de muita caridade.

Letícia revela que foi até o terreiro, por influência da mãe e das tias, em busca da cura para um problema de saúde atribuído a um Egum, um encosto, mas que não revela em detalhe. Ao se deparar com a Cabocla Jurema permutaram energias: ela dá parte de seu cabelo e a Jurema lhe dá a saúde. Aqui começa a ser estabelecido o comprometimento religioso, o que pode ser também enxergado como o marco da sua iniciação no candomblé. E Letícia continua sua narrativa:

E o que mais me chamou atenção foram os Orixás. Como eles chegavam, como era que eles jogavam o Adobá<sup>51</sup> ali no meio e nos tambores. Na hora do Logum, que eles cumprimentam o meio da casa, cumprimentam os tambores e cumprimentam a Yá. Aí quando eu cheguei, Silvia me disse como era. Aí eu fui, cheguei para o meu santo, porque tem diferença entre Adobá feminino e Adobá masculino. Por exemplo, meu santo é homem, eu não preciso fazer nem pra lá e nem pra cá, eu só faço assim e volto. Uma mão sobre a outra aberta, isso significa que o santo é mulher e se a mão está fechada, significa que é homem. É uma Bênção. Primeiro que a gente cumprimenta a Yá<sup>52</sup>. Faz o Adobá nos pés dela, pra depois ela abençoar a gente. Isso é um cumprimento que a gente cumprimenta os orixás. O que mais me chamou foi isso (LETÍCIA,13/08/2017).

---

51 Ritual de saudação/bênção com sobreposição de mãos e direcionando-se a uma autoridade dos terreiros.

52 Yá, abreviação de Yalorixá.

Percebe-se clareza nos argumentos de Letícia, pois a mesma revela-nos que para entender o rito do Adobá e suas particularidades contou também com os ensinamentos de Silvia (Makota). Ela esclarece que há distinções quanto a bênção à Yalorixá e quanto ao Orixá ser masculino ou feminino. Letícia ainda discorre que:

Teve um tempo que mãe jogou os búzios<sup>53</sup> para mim. A Yá jogou os búzios para mim para saber quem eram meus Orixás. Aí estavam em guerrilha. O Xangô, a Nanã e o Oxossi. Qual ia ser o dono da minha cabeça. E nisso tudo quem ficou foi Xangô, o do fogo e da Justiça. E nisso, meu primeiro santo é Xangô, o ajuntó é a Nanã e o último é Oxossi. O ajuntó é o santo do meio. Que divide os dois. Porque eu fiquei dois anos em um e nisso eu precisei de um Borí. Depois disso que eu comecei a me desenvolver e participar das giras e sentir aquele negócio forte, de aperriá mesmo, de ficar sem saber onde estava e de pegar mesmo. Aí precisei de um bori: passei vinte e quatro horas dentro de um quarto, dei minhas rezas e tudo. E nisso, depois que eu saí de lá, eu vi o mundo de outra forma. E, sei lá, para a pessoa participar de um terreiro, não é só participar, achar boniteza, dá obrigação porque é bonito, é porque precisa. E porquê daquela obrigação é o que vai abrir nossos caminhos daqui para a frente e a ser responsável daqui para a frente.

---

53 É neste rito que a Yalorixá acessa os mistérios do Olorum (do mundo dos orixás - céu) e os associa a missão espiritual de cada ser e qual (quais) Orixá (s) regem seu destino. A partir das revelações dos búzios a Mãe de Santo conduzirá seus filhos para o desenvolvimento das habilidades e cuidados com seu Orixás que regem os seus mistérios.

Depois que eu comecei a participar, vi que era problema espiritual. Eu fiz um monte de limpeza. Porque eu tinha um Egum. Egum é um morto. Ele acompanha a pessoa, entendeu? Aí mãe foi nos búzios e perguntou se era por isso que eu ficava doente. E tudo que o morto sentia eu estava sentido. Ai, depois disso, a Oxum que veio fazer a limpeza disse que eu estava precisando de um Bori. Aí fez a limpeza e no outro dia fez o Bori. Foi tudo rápido mesmo. Aí foi que depois fiquei boa, até hoje, graças à Deus. Eu dei Bori com doze anos (LETÍCIA,13/08/2017).

Nos é revelado então que “Mãe Edneusa” descobriu as causas do problema de saúde que assolava Leticia e pontualmente, com as obrigações e os cuidados do Axé, conseguiu solucionar. Procuro saber de Leticia como é que ela lida com seus Orixás e como ela cuida deles e ela conta que:

Zelando. Por exemplo: eu tenho o de cabeça. Os outros eu ainda não posso zelar muito porque eu ainda não sou feita no santo, não sou raspada, ainda vou me fazer em dezembro. Aí, quando der o Bori, tem todo um ritual, entendeu? Da talha, de assentar a talha do santo e tudo. Aí, por exemplo, o dia do meu Orixá é dia de quarta-feira. Aí eu encho a talha. Encher e rezar as orações que eu aprendi no Bori e tudo. Talha é uma quartinha, como o povo chama. Uma coisinha... um coisa de barro para colocar água. Eu encho a minha de quinze em quinze dias. Para o Xangô porque eu ainda não sou feita, mas por exemplo: quando tô no xirê, quando toca para eles, eu recebo eles, entendeu? (LETÍCIA,13/08/2017).

Diante de uma surpreendente, agradável e esclarecedora narrativa ritualística pergunto para Letícia se lembrava da idade que incorporou pela primeira vez e ela me responde que não, mas descreve as sensações dos acessos e incorporações aos seus Orixás e encantadoramente relata:

Assim que eu cheguei aqui no terreiro, passou umas três luas, e quando eu vim para o xirê eu recebi o Xangô já. Não é explicar, é só a pessoa vivenciar! Porque não tem o explicar. A pessoa tem que vivenciar para saber o que é receber um Orixá. Mas a sensação é de euforia, de cansaço, de estar subindo um fogo, com Xangô é assim. A gente fica bem. Só que com muita dor no corpo. Muito cansaço e falta de ar. Pelo menos eu, né!? Não sei os outros. Nanã é uma senhora velha, que é da lama. E quando ela tá pra vim, dá uma dor nas costas porque ela abaixa demais. Aí começa a doer, começa a escurecer a vista, pode saber... Já com Oxossi a pessoa vai ficando sem fôlego, sem fôlego, sem fôlego e vai apagando... aí tchau (LETÍCIA, 13/08/2017).

Ante a narrativa, talvez esta seja uma das primeiras descrições das sensações experienciadas por quem incorpora os Orixás, particularmente por uma adolescente, que se tenha registro aqui no sertão. Além das sensações ela descreve as características dos Orixás e as associa aos movimentos, às danças, às energias.

Disperso-me da entrevista com Leticia pedindo que fale o que, para ela, representa a participação de crianças nos terreiros e ela finaliza dizendo:

Eu acho uma coisa boa. Porque elas gostam. E não é por alguém obrigar a fazer, é porque elas querem. Elas observam e depois vão lá e fazem do mesmo jeito que a gente faz. Comigo foi assim. Eu observava demais. Toda hora que alguém olhava eu estava olhando para uma pessoa que estava indo para quando chegar na minha hora eu fazer tudo direitinho.

O que significa as crianças no terreiro...? Sei lá...Ah! É q' nem uma criança fazendo aquilo que a gente tá fazendo, é uma alegria. Ninguém mandou ela fazer. Foi de livre e espontânea vontade, ela fazer aquilo e, sei lá, eu acho isso muito bonito nas crianças. E não é ela fazer porque alguém tá mandando e tal, foi porque ela quis. Porque ela achou aquilo bonito. (LETÍCIA, 13/08/2017)

Leticia emite sua opinião sobre a participação de crianças nos terreiros, mais especificamente no seu terreiro, sua realidade, onde demonstra que a participação dá-se de forma espontânea e que as crianças, neste espaço sagrado, comportam-se naturalmente acompanhando o discernimento conforme sua faixa etária e finaliza dizendo-nos:

De mim, foi uma escolha minha. Uma religião, sei lá. Eu tinha muita vontade de conhecer o candomblé. Todo mundo falava candomblé, umbanda... E eu não sabia. E um dia minha mãe descobriu, veio. E eu descobri e estou aqui até hoje. (LETÍCIA, 13/08/2017)





Figura 47 – Folhas Pequenas. (R. MARQUES, 2017)



Figura 48 – Folhas Pequenas. (R. MARQUES, 2017)



Figura 49 – Folhas Pequenas. (R. MARQUES, 2017)

## Posfácio

Escrever sobre este livro é uma tarefa prazenteira e prazerosa: é falar dos muitos agrados que sua leitura me proporcionou. Um foi ter tido a honra de participar das impressões, expressões e emoções relatadas com um entusiasmo e encantamento quase que pueril do autor. Outro, foi a ideia, o desejo de perceber a criança e a infância nos terreiros de Candomblé no Sertão, algo que a mim também é caro e fascinante.

Uma leitura que por vezes chega a ser poética no interior de uma poética maior – a criação, construção do real, da existência, da História, da ancestralidade, da consciência ecológica humana, resistência e fé no sagrado. Relatos que através da tradição oral, o que parece por vezes caótica àqueles que não desvelam o segredo e confundem a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas, desvela-nos que o espiritual e o material não estão dissociados e que a natureza está em nós assim como estamos presentes na natureza, inevitavelmente.

Agrado e emoção ainda pelas lembranças suscitadas em mim, uma das figurantes deste movimento: uma vida, uma vivência, uma existência à procura de encontrar sentido no que transcende o tangível, o palpável. Encontrei nesta leitura a partilha da sabedoria adquirida pelos povos, adultos e crianças nos espaços sagrados dos Terreiros através de um discurso leve que implicitamente traz consigo uma mensagem de esperança de quem acredita no poder do homem de conquistar-se, acima de tudo, a si mesmo.

Satisfação pela oportunidade do livro. Dos desafios que a leitura deste trabalho me suscita, um deles é sem dúvida o de re-pensar as diversas maneiras de aprendizagem em espaços não formais, numa linguagem muito simples, mas com conceitos extremamente complexos e que se dá de forma quase que espontânea, suavemente livre, por vezes lúdicas ao aprendente. Seria um sonho de pesquisadora na área da Educação elucidar estes mecanismos para tornar o ensino formal satisfatório e prazeroso, significativo; uma mudança de paradigma dos sistemas educacionais onde se centraria mais no aprendiz, levando em conta suas mais diversas potencialidades.

FOLHA PEQUENA AS INFÂNCIAS NO CANDOMBLÉ é parte da história de um movimento ancestral, milenar, poético; também é espaço político e social em construção, por isso movimento, sem início, meio e fim, porquanto processo. Leitura necessária para a compreensão de uma História ainda sendo escrita, em um contexto que também é movimento. Em júbilo pela sensibilidade de Robson, esse homem/menino, em perceber a necessidade de dar as mãos, ouvidos e voz àqueles que foram silenciados, para que novos

atores/autores/ sujeitos criem e recriem, reelaborem a história de um movimento que re-siste, in-siste, e por isso existe.

E, finalmente, do agrado com um trabalho sério, bem construído que consegue articular ética e estética com competência científica e compromisso político – Movimento impetuoso da alma para o bem.

Lilian Pinto da Silva Santos

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOFF, Leonardo. **Ética e Ecologia: desafios do século XXI**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6YF-Th2yEPlk>>. Acesso em: 9 fev 2018.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé**. Rio de Janeiro: PALLAS, 2012.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

HIGINO, Mônica Estela Neves. **As relações da criança candomblecista no espaço social da escola**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2011. 43f.

KILEUY, Odé; OXAGUIÁ, Vera de. **O candomblé bem explicado: Noções Bantu, Iorubá e Fon**. BARROS, Marcelo (org.). Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MARQUES, Juracy. Ecologia Humana no Brasil. In: MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologias Humanas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014, 09-42.

MARQUES, Juracy; ALVES, Maria Rosa Almeida; MARQUES, Robson (Orgs.). **A Voz do Tempo**: os ventos da Bandalecôngo. Paulo Afonso/BA: Editora SABEH, 2017. 100p.

MARQUES, Robson; SILVA, Gilmara Cláudia; MARQUES Juracy (Orgs.). **Candomblé e Umbanda no Sertão**: Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Senhor do Bonfim/BA. Paulo Afonso: SABEH, 2018. 196p.

MARQUES, Juracy; NOVAES, Joaquin (Orgs.). **Candomblé e Umbanda no Sertão**: Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Petrolina/PE e Juazeiro/BA. Paulo Afonso: SABEH, 2015. 404p.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; MARQUES, Juracy (Orgs.). **Candomblé e Umbanda no Sertão**: Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Jaguarari/BA. Manaus: UEA, 2010. 212p.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; MARQUES, Juracy (Orgs.). **Candomblé e Umbanda no Sertão**: Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Paulo Afonso/BA. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2009. 152p.

MARQUES et.al. **A pele do orixá**: infância, educação e ecologia nos terreiros de candomblé e umbanda de Petrolina(PE) e Juazeiro (BA). II Encontro Internacional de Ecologia Humana. Paulo Afonso/BA, 2014.

OLIVEIRA, Amurabi; ALMIRANTE, Kleverton Arthur.

Criança, terreiro e aprendizagem: um olhar sobre a infância no candomblé. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3 p. 273-297, set.-dez. 2017.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

MARQUES, Robson. **Folhas pequenas**: Crianças nos Terreiros de Candomblé do Sertão. Dissertação de Mestrado. Juazeiro/BA: UNEB CAMPUS III, 2018. 676p.

TOMAZ, Alzení de Freitas. Direito e Ecologia dos Povos e Comunidades Tradicionais: Ensaio sobre o Etnodireito. In: MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologias Humanas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014, 393-417.





## ROBSON MARQUES

É Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPG<sub>EcoH</sub>/UNEB, 2018; Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, 2014; Servidor Público Federal – Técnico Administrativo em Educação (Assistente de Alunos) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Senhor do Bonfim, desde 2012; Poeta; Encanador; Eletricista; Pintor; Pedreiro e Aprendiz de Agricultor.

Cidadão Jaguarariense, dedica-se a pesquisas e estudos sobre povos tradicionais, curas religiosas, cultura e arte.



## Nova Cartografia Social do Brasil

